

COMISSÃO DA VERDADE

PRESIDENTE

DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT

14/03/2013

COMISSÃO DA VERDADE.

BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.

14/03/2013

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – São Paulo, 14 de março de 2013. Assembleia Legislativa, auditório Teotônio Vilela.

Está instalada a 21ª audiência pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva no dia 14/03/2013 na Assembleia Legislativa no auditório Teotônio Vilela para oitiva de depoimento sobre os casos de Heleny Telles Ferreira Guariba e Paulo de Tarso Celestino, desaparecidos em 12 de julho de 1971.

Uma apresentação das atrizes, Dulce Muniz, Egle Monteiro, Leandro Lago e Beto Capeta, uma pequena dramatização lembrando a memória e a obra da nossa querida Heleny. Dulce Muniz.

* * *

É FEITA A DRAMATIZAÇÃO.

* * *

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O Ricardo Kobayashi vai fazer a leitura do memorial da Heleny e do Paulo de Tarso. Em seguida nós vamos

passar para a composição da mesa. Faz o contexto e a Tatiana Merlino vai ler. Então, com a leitura de Tatiana Merlino, os dados biográficos de Heleny Telles Guariba.

A SRA. TATIANA MERLINO – Heleny Telles Ferreira Guariba, desaparecida em 12 de julho de 1971. Dados pessoais Heleny Telles Ferreira Guariba. Data de nascimento, 17 de março de 1941. Local de nascimento, Bebedouro, São Paulo, Brasil. organização Política, Vanguarda Popular Revolucionária, VPR.

Dados biográficos, Heleny Telles Ferreira Guariba, que também era carinhosamente chamada pela família de Lenita era filha de Isac Ferreira Caetano e Pasqualina Ferreira. Em 1946 seu pai veio a falecer, tendo sido criada então pela mãe e uma tia. Foi casada com o professor universitário Ulisses Telles Guariba, ela o conheceu quando estudavam filosofia na USP. Casaram-se em 1972 e separaram-se em fins de 1969. Tiveram dois filhos, Francisco e João Vicente. Heleny sempre se voltou aos estudos e as atividades culturais. Depois de estudar Teatro passou a lecionar teoria teatral na EAD, Escola de Artes Dramáticas. Em 1965 recebeu bolsa de estudos do Consulado da França em São Paulo, especializando-se na Europa, onde ficou com o marido até 1967.

No velho continente fez doutorado de Teatro em Paris e estagiou no (ininteligível – palavras em língua estrangeira) em Londres. Ao voltar ao Brasil foi contratada pela Prefeitura de Santo Andre onde se tornou a diretora do grupo de Teatro da cidade, que reunia operários e estudantes. A montagem que realizou com o grupo de George Dandin, de Molière, foi premiado em 1968 pela Associação Paulista dos Críticos de Arte. Com a edição do ai5 seu trabalho foi interrompido. Em março de 1970 foi presa em Poços de Caldas, em Minas Gerais. Já separada do seu marido, foi localizada no Dops São Paulo por ele e seu sogro, o General da Reserva, Francisco Mariani Guariba. Tinha marcas roxas nas mãos e nos braços provocadas por choques elétricos. Na Oban foi torturada pelos Capitães Albernáz e Homero, tendo sido internada no Hospital Militar durante dois dias em função de hemorragia provocada pelas torturas.

Durante um ano Heleny cumpriu pena no Presídio Tiradentes, sendo assistida por seu advogado José Carlos Dias, que depois se tornou Presidente da CJ São Paulo e posteriormente Ministro da Justiça. Em abril de 1971 conseguiu a liberdade quando passou algum tempo com a mãe e a tia. Seguiu algum tempo com suas atividades profissionais, dando aula de Teatro, mas seguiu ainda presa três meses depois.

Paulo de Tarso Celestino da Silva, desaparecido em 12 de julho de 1971. Dados pessoais, nome, Paulo de Tarso Celestino da Silva. Data de nascimento, 26/05/1944. Local de nascimento, Morrinhos, Brasil. organização Política, ALN.

Estudou no Colégio Universitário da UFG onde concluiu o curso de humanidades em 1962 e foi escolhido orador da turma. Ingressou na Faculdade de Direito da UNB onde se formou com 23 anos em 1967. Foi Presidente da FEUB. Exerceu advocacia em Goiânia e chegou a fazer sustentação oral no STF. Em 1968 viajou para a França e fez Pós Graduação na Sorbonne.

Segundo o documento do Dops São Paulo, de 10 de janeiro de 1972, baseado em relatório da Aeronáutica esteve em cuba onde fez curso de guerrilha rural e urbana entre julho de 1969 e janeiro de 1970. Retornou ao Brasil em março de 1971 e em 24 de março do mesmo ano foi julgado e condenado à revelia a pena de dois anos e seis meses de reclusão. Poucos meses depois foi preso, vindo a desaparecer.

Dados sobre o desaparecimento de Heleny Telles Ferreira Guariba e Paulo de Tarso Celestino da Silva.

Heleny e Paulo de Tarso foram presos por agentes do DOI-CODI Rio de Janeiro, em 12 de julho de 1971 no Rio de Janeiro e nunca mais foram vistos. O relatório do Ministério da Aeronáutica encaminhado ao Ministro da Justiça em 1943 afirma que Heleny foi presa em 20 de outubro de 1970 em Poços de Caldas, sendo liberada em primeiro de abril de 1971. O relatório do Ministério do Exército informa que foi presa em 24/04/1970 durante a Operação Bandeirantes, e libertada em 01/04/1971.

Conforme depoimento de seu ex-marido, Ulisses Telles Guariba Neto, Heleny foi solta em fim de janeiro de 1971 por decisão da própria Justiça Militar. Ao ser libertada desejava viajar para o interior. Ela tinha intenção também de ajudar familiares de perseguidos e mortos. Ficou uns tempos na casa da mãe e na casa de amigos

enquanto se preparava para tal viagem. Por volta do dia 25 de julho recebeu um telefonema em casa informando que Heleny havia sido presa no Rio de Janeiro. Meu pai foi para Brasília bem como ao comando do Primeiro Exército no Rio de Janeiro procurando autoridades e amigos. Todas as informações foram no sentido de que Heleny não havia sido presa, e que provavelmente havia embarcado para o exterior.

Com a segunda prisão, não foi dada mais nenhuma informação da polícia sobre Heleny e Paulo. Nem o General Guariba conseguiu respostas. Foi ao Ministério do Exército, ao SNI, ao comando do 1º Exército, em todos os lugares possíveis na busca de autoridades e amigos que pudessem dar informações sobre o paradeiro de Heleny. Inês Etienne Romeu, em seu relatório sobre sua prisão no centro clandestino do CIE em Petrópolis, no Rio de Janeiro conhecido como Casa da Morte testemunhou que durante o período em que esteve sequestrada naquele local dentre outros desaparecidos, ali estiveram no mês de julho Valter Ribeiro Novais, Paulo de Tarso e uma moça que acredita-se ser Heleny.

Nesse cárcere clandestino Heleny teria sido torturada durante três dias, inclusive com choques elétricos na vagina. Paulo de Tarso foi torturado durante 48 horas pelos carcereiros conhecidos por Inês como Dr. Roberto, Laicato, Dr. Guilherme, Dr. Teixeira, Zé Gomes e Camarão. Ele foi colocado no pau de arara quando lhe deram choques elétricos e o obrigaram a ingerir grande quantidade de sal. Durante muitas horas Inês o ouviu suplicar por um pouco de água.

Em dezembro de 1971 como resposta a solicitação da Seccional de Brasília da OAB, o Ministério do Exército informou que Paulo de Tarso fora presa por autoridades militares, mas seria entregue a Polícia Federal devendo ao Ministério da Justiça prestar informações. A OAB encaminhou então ofício ao Presidente da República, assinado por seu Presidente, o advogado Moacir Belchior em 28 de janeiro de 1972 no qual afirmava ter razões para preocupar-se com o silêncio do Ministério da Justiça a respeito do destino do advogado por várias horas por Paulo de Tarso Celestino da Silva e estar temerosa por sua integridade física, já que são decorridos mais de seis meses do seu desaparecimento.

No Ministério do Exército através do seu Chefe de Gabinete obtera informação de que Paulo de Tarso Celestino da Silva fora preso por militares, mas que havia sido

entregue a Polícia Federal e que somente no Ministério da Justiça poderia se colher esclarecimentos nesse sentido. Tempos depois o Ministério do Exército desmentiu o fato alegando o erro. Seu pai, Pedro Celestino era advogado e fora Deputado Federal pelo PSD por Goiás de 1973 a 1967, e pelo MDB de 1967 a 1969, ano em que foi cassado em 14 de março.

Pedro Celestino enviou uma carta ao General Guberildo Couto e Silva então Chefe da Casa Civil da Presidência da República em 12 de julho de 1974.

“Como cidadão e chefe de família é que dirijo-me a Vossa Excelência, rogando fazer chegar ao presidente da República o meu apelo extremo, depois de ver frustrados todos os recursos judiciais e extrajudiciais permitidos pela ordem jurídica vigente no país para encontrar meu filho. Não venho pedir-lhe que o solte, mas o mínimo que se deve garantir à pessoa humana, isto é, seja processado oficialmente, com o direito de sua família dar-lhe assistência jurídica e principalmente humana”.

Não obteve resposta. Em 20 de fevereiro de 1975 o Ministro da Justiça Armando Falcão fez esclarecimento público sobre 22 desaparecidos políticos entre os quais constavam o nome de Paulo de Tarso, alegando que todos estavam foragidos. Em resposta, seu pai redigiu uma carta aberta a Armando Falcão, publicada no Jornal do Brasil em 21 de fevereiro de 1975 e em outros jornais do país, na qual apontavam contradição em resposta ao Ministro da Justiça e a do Ministério do Exército. Apesar do silêncio e das negativas das autoridades, as provas sobre a prisão e o desaparecimento dos dois militantes foram aos poucos sendo coletadas. Em oito de abril de 1987 a Revista Isto É publicou na reportagem ‘Longe do ponto final’, declarações do ex-médico Amilcar Lobo, então lotado no DOI-CODI no Rio de Janeiro na qual reconheceu ter atendido Paulo de Tarso quando ele esteve preso nas dependências do DOI-CODI Rio de Janeiro. Sem, no entanto, precisar a data. Segundo entrevista do Sargento Marival Chaves Dias do Canto, o então membro do DOI-CODI São Paulo a revista Veja em 18 de novembro de 1982, eles matavam e esquartejavam, agentes que estiveram em uma casa mantida pelo Centro de Informações do Exército em Petrópolis, Rio de Janeiro, me contaram que os cadáveres eram esquartejados às vezes até em 14 pedaços como se faz com um boi em um matadouro. Era um negócio terrível, eles faziam isso para dificultar a descoberta e a identificação do morto. Cada membro

decegado era colocado em um saco e enterrado em um local diferente. A Casa de Petrópolis foi onde o Centro de Informações do Exército mais matou presos e ocultou cadáveres. Os militantes detidos em diversas regiões do país eram enviados dos Estados para Petrópolis. Conforme o ex-médico e colaborador da repressão Amilcar Lobo em seu livro 'A hora do lobo, a hora do carneiro', os mortos eram enterrados nas cercanias atrás das casas. Os nomes de Heleny Telles Ferreira Guariba e Paulo de Tarso Celestino da Silva consta da lista de desaparecidos políticos do anexo um da Lei 9140 de 95. Na Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos os requerimentos foram protocolados com número 293/93 de Heleny e 151/96 de Paulo de Tarso.

Em homenagem aos dois, a cidade do Rio de Janeiro deu seus nomes às ruas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Concluído o depoimento vou pedir para suspender a tela para a gente constituir a mesa. Chico Guariba, filho da Heleny. Candinha Guariba, neta. Ulisses, companheiro da Heleny, Elza Lobo, a vida continua. Então, vamos começar, está composta a mesa. Candinha Guariba, Chico filho de Heleny, Ulisses ex-companheiro, Leninha amiga, e Dulce, sua amiga discípula. E a outra netinha, Olivia Guariba.

Não tem nenhum familiar do Paulo? Está bom. Ulisses Guariba, com a palavra.

O SR. ULISSES GUARIBA – Bom dia. Deputado, eu nem sei o que deveria depor. Mas eu acho que o relato feito é bem correto, exatamente aquilo que ocorreu, desapareceram juntos Paulo de Tarso e Heleny naqueles anos, e a informação que se teve na época, alguns anos depois, foi com a Etienne Romeu que esteve presa lá na Casa de Petrópolis, e nós estivemos lá em 77, 78, nós fizemos uma caravana, o pessoal de São Paulo e de Rio de Janeiro, subimos a Serra e localizamos a casa. O proprietário era descendente de europeu, não sei o que era. Nós fomos lá, visitamos a casa, foi publicado

até na imprensa. E foi daí que tivemos esse relato mais preciso da morte dela, que foi através da Inês Etienne Romeu.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Deixa eu te ajudar um pouco. Vamos começar do início. Vocês se conheceram e se casaram em 62, não é? Você é o filho do General Guariba.

O SR. ULISSES GUARIBA – Exato. Nós estudamos no Caetano de Campos, onde nos conhecemos em 56, e não em 62 na USP como foi relatado. Namoramos muitos anos e nos casamos logo que entramos na faculdade. E fomos estudar filosofia. Meu pai nessa época foi eleito, tinha passado para a Reserva e foi eleito Vereador de São Paulo. Meu pai é o único Vereador cassado da Câmara Municipal de São Paulo. Ele foi cassado em 69, no segundo mandato dele. Naquele período, depois do ai5, portanto, nunca foi um militar. Sempre foi do grupo chamado Nacionalista, ele, o Zerbini e vários outros que se opuseram ao golpe de 64 e mais ainda ao golpe de 68. Me lembro que ainda em 64 o dia 01/04 foi feita uma sessão na Câmara Municipal de São Paulo, onde deveriam os Vereadores prestar homenagem ao golpe. Meu pai, que era Primeiro Secretário da Câmara Municipal, fez um discurso contra o golpe. No final do discurso dele, não tinha um, eu estava lá e não ficou um Vereador no plenário, todos fugiram. Quer dizer que a oposição vinha de longe.

Ele não foi cassado logo de início porque era amigo do Castelo Branco, a quem tinha servido há muitos anos em Minas Gerais, em vários lugares, era um pouco mais velho que ele. Toda vez que levava o Castelo a cassação dele, ele impedia de ir para frente. Depois da...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Deixa eu te interromper. Está dando um eco. Eu não sei onde. Fica ruim para chuchu. Volta nisso que você estava falando, por favor. Teve o discurso na Câmara Municipal e era para fazer uma saudação ao golpe, ele vai para a tribuna...

O SR. ULISSES GUARIBA – E fala contra o golpe. Não sobrou um Vereador na Câmara Municipal. Depois, muitos Vereadores que eram para serem cassados em 64 tiveram escondidos na minha casa, a gente morava na Vila Mariana. Vários deles passaram muito tempo em casa morando lá, fugindo da repressão de 64.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mas você estava falando da convivência com o Castelo Branco.

O SR. ULISSES GUARIBA – Ele tinha servido muito tempo com o Castelo Branco, e todas as vezes que tentavam cassá-lo, o Castelo impedia. Depois com a morte do Castelo e subiu o Costa e Silva, aí veio o nosso emérito paulista canalha que assumiu o Ministério da Justiça, esse grupo todo que acabou formando o AI 5.

Então, meu pai sempre foi de oposição, mas nunca foi militante de esquerda, ele era da linha nacionalista, achava que o golpe era uma ação da liberdade democrática, era contra repressão. Tinha toda uma posição progressista, nacionalista e liberal.

Depois de certa forma ficou afastado. Nessa época tinha conhecido a Heleny no secundário.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A Caetano era na Praça da República.

O SR. ULISSES GUARIBA – Sim, na Praça da República.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Vocês moravam onde?

O SR. ULISSES GUARIBA – Ela morava em Moema e eu morava na Vila Mariana. E quando entramos na faculdade nos casamos. Nós não nos conhecemos na faculdade. Nós nos conhecíamos há vários anos. E daí trabalhávamos, dávamos aula em cursinho. Em 64 terminando a faculdade eu fui fazer seminário no curso de filosofia para ser contratado na área de filosofia. Mas filosofia naquele tempo não estava contratando, porque o João Cruz Costa não era figura bem quista do Governador, e a relação naqueles anos entre a universidade e o poder do Estado eram relações muito pessoais. Hoje é mais institucionalizada, as relações são mais formais e mais definidas pela instituição. Naquele tempo não. Havia uma espécie de promiscuidade muito grande entre o Poder Executivo e a universidade, e o João Cruz Costa não era bem visto e não saía contrato de ninguém para filosofia. E eu acabei recebendo uma bolsa, naquele ano três Professores que era uma exceção na época, forma mandados para a França, três indicados para filosofia. Um indicado pelo Michel Le Blanc que era um Professor Frances que tinha aqui, o Le Blanc indicou o Quartim de Moraes e o outro foi o Salinas, que foi indicado pelo Porchat, que acabou sendo preso e faleceu, o Quartim também acabou envolvido com VPR e nós fomos para a França naquele ano. E a Heleny foi junto. Ela já era Professora da Escola de Arte Dramática do Alfredo Mesquita, que era uma escola particular, mas que formou praticamente, acho que todas as várias gerações de atores que nós temos aí...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Onde funcionava a escola?

O SR. ULISSES GUARIBA – Funcionava no subsolo da Pinacoteca, naquela parte de baixo. Ela funcionava sempre a partir das seis horas, tinha a famosa sopa que era servida para os alunos, sopa do Dr. Alfredo que era por sinal muito boa, e os Professores também eram quase que voluntários. E era uma escola muito boa. Praticamente todo mundo que se conhece na TV e no Teatro, passou pela escola. O Juca de Oliveira, o Nei Latorraca na época foi aluno da Heleny, e vários outros. Era toda uma geração de jovens. Ela começou a se especializar em dramaturgia.

Teve um rapaz que eu dei um depoimento, ele escreveu um livro sobre a Heleny, uma tese, e o primeiro capítulo dele foi...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você escreveu um livro?

O SR. ULISSES GUARIBA – Não fui eu. Foi um rapaz que defendeu essa tese em Santo Andre. E esse primeiro capítulo é onde tem essa discussão toda sobre o Brecht, o Teatro pós brechtiano, como era visto na Itália, na Alemanha, na Inglaterra, quer dizer, a Heleny praticamente trabalhou sobre isso no período todo que nós estivemos na Europa. E preocupada com uma questão que era fundamental na época, que era como organizar um centro cultural, como fazer esse centro cultural e como fazer um Teatro que era um Teatro popular, que significava enfim, fazer Teatro popular na

época. E queria evidentemente fazer um trabalho, escrever tese sobre esse tema. Voltamos para cá, fomos morar ali no Brooklin, na Rua das Acácias, e eu fui dar aula na USP que eu era contratado da universidade e ela foi dar aula na EAD de novo, e eu fui também, como dei aulas na atual UNESP, que naquela época era Faculdade de Filosofia de Assis, e estava montando um curso de filosofia lá no interior, Assis, onde eu moro hoje. E eu fui para lá ajudar a montar o curso de filosofia. E esse curso hoje está na UNESP de Marília. Em 76 ele foi transferido de Assis para Marília e é um curso importante na UNESP.

Como se deu a questão do envolvimento? A gente era típico herdeiro do ensino público.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você foi para Assis?

O SR. ULISSES GUARIBA – Eu fiquei viajando. Nós nos separamos no fim de 69. Durante o período de 68 nós tínhamos um, a Maria Antonia era uma comunidade onde todo mundo se relacionava intimamente, nós tínhamos muitos amigos, e uma dessas amigas era iara Iavelberg, amiga dela, do irmão dela que dirigia o curso aqui. E a iara que nos pediu em um determinado momento de 68, para hospedar o Lamarca em casa. E ele teve uma primeira vez hospedado lá nas Acácias, onde ficamos amigos, foi cerca de um mês em 68. E depois voltou novamente no final de 68. Essa primeira vez foi logo depois que ele saiu da 4ª (ininteligível) depois daquele episódio trágico de Itapeceira, eles iam presos, evidentemente. Ele fugiu e passou para a clandestinidade. E ele reclamava muito porque não tinha aonde ir e tal, e acabou ficando quatro meses em casa, voltou, depois hospedou-se mais um mês e meio. E o contato dele era a iara e um rapaz chamado Spinoza, parece que hoje está em Santo Andre. Eu tenho o email dele, mas não voltei a falar. O Spinoza ia sempre porque ele era o contato do comando lá. E depois estive em hospedado em casa outro diligente que era de Santo Andre, que era o Valdir. Então, esse envolvimento era no fundo um sistema de apoio, se dava um apoio

estratégico ao grupo. E depois ficava um pouco mais orgânico quando o (ininteligível) o companheiro da filosofia, nós nos reuníamos para passar avaliações da conjuntura. Não se esqueça que nessa época, apesar de um brutal fechamento político você tinha uma grande expansão da economia. Não era o período do milagre econômico, e a gente passava sempre dizendo que passar de um grupo de ação de um movimento popular e de massa que pudesse ter algum efeito, passa por discurso revolucionário de encarnar no trabalhador e na sociedade. E está muito difícil, tudo apontava para que houvesse um isolamento dos grupos e o Estado estava se organizando. Primeiro Oban, depois DOI-CODI quer dizer, era muito improvisado também, a repressão era uma coisa de louco. Ela foi se estruturando no decorrer dos anos 70 e 71. A repressão do Estado também era precária. Os movimentos também tinham sua fragilidade. Eu me lembro que nos últimos anos, nós fizemos um seminário e veio um Professor da revolução francesa que chamava (ininteligível) da primeira guerra mundial e foi criado pelo Estado. Virou Professor titular de história. Ele era colega nosso, fizemos um seminário com ele na USP e depois fomos jantar, e contamos o que estava ocorrendo do ponto de vista dos grupos, se organizando com outro Estado pela luta armada e etc. e ele me perguntou. Me diz uma coisa, quantos militantes que vocês têm? E dissemos, a variação que nós temos hoje é de 200 e pouco. E ele disse, vocês são absolutamente todos loucos no Brasil. isso não existe em processo político. Como é que 280 pessoas vão querer derrubar um Estado e implantar um novo regime ou alterar as formas?

Quer dizer, no fundo havia muita improvisação, mas havia a certeza de que a revolta era contra o fechamento político do regime. Não dava para engolir os militares mandando, o atropelamento da ordem constitucional, da ordem legal. O ai5 foi quando transbordou. E aí as coisas, davam, portanto os grupos que se reuniam dava uma espécie de assistência, um apoio nesse período. Depois, no final de 69 e isso foi durante todo o ano de 68 e 69. Primeira vez que me chamaram lá, que foi uma coisa muito suspeita, não existia ainda Bandeirantes. Um dia chegaram os delegados do Dops, cercaram minha casa, revistaram tudo. Quer dizer, até hoje não sei como é que chegaram lá, o que é que pode ter havido. Quer dizer, a casa era absolutamente isenta. Alguém que esteve lá que e entregou, vamos dizer assim. Eles cercaram e disseram, você está intimado e vai depor no REC MEC. Um Capitão me colocou no carro, ligou o gravador e ficamos conversando por várias horas. Eles diziam que tinha ligações com os terroristas, não

tenho, não vou participar, não concordo como foi levado a coisa, e todo esse processo que vocês estão conduzindo como autoritários. Seu pai foi cassado e você deve estar revoltado, e não tinha nada de revoltado, era uma convicção política por causa do meu pai. Essa foi à primeira vez e me liberaram. É claro que a causa passou a ser mais segura, o pessoal como o Lamarca, o comando...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Quando foi essa prisão?

O SR. ULISSES GUARIBA – Essa prisão foi em meados de 69, talvez agosto.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Só você, a Heleny não?

O SR. ULISSES GUARIBA – Só eu. Não foi bem uma prisão, foi uma revista do delegado, uma intimação geral para ir lá depor. Fui depor, tomaram depoimento, a coisa se encerrou e também encerramos. A casa passa a ser impossível de ser utilizada para qualquer outra finalidade.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O Lamarca já tinha estado lá duas vezes?

O SR. ULISSES GUARIBA – Duas vezes. Já tinha estado ele, o Spinoza, o Valdir, eram todos do comando do VPR.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E a Iara ainda estava legal, não estava na clandestinidade?

O SR. ULISSES GUARIBA – Ela já estava há bastante tempo na clandestinidade. Isso é o que aconteceu. Nesse final de ano nos resolvemos nos separar, porque a Heleny tinha conhecido outras pessoas. Não dava mais certo o relacionamento. Daí saímos de lá, ela mudou para Perdizes e eu mudei para Maria Antonia. Nós tínhamos dois filhos. Nessa época o Francisco devia ter uns sete anos e o João era menorzinho, tinha uns quatro anos. Mudamos para lá, era uma casa legal em Perdizes, ela ficaria com eles. E eu fiquei na Maria Antonia.

Um dia, quando foi no fim de 69 ela passou em casa e falou, o José Olavo foi preso. E eu digo, foi preso por quê? Porque prenderam ele. Peça ao seu pai para ajudar para ver se ele pode fazer alguma coisa. E eu disse, vamos tentar.

Falei com o meu pai. Ele foi na Oban, evidentemente era atendido pelo Coronel Comandante, mas não dava nenhuma informação. E eu fui atrás de um velho amigo meu, velho amigo de infância que depois ficou conhecido, famoso, que era o Capitão Mauricio. A família dele era amiga da minha família, nós tínhamos crescido juntos. Ele era mais velho que eu, muitos anos que eu não vejo, e naquela época nós passamos os anos 50 e os anos 60...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Mauricio tinha feito Geografia, não fez?

O SR. ULISSES GUARIBA – Ele fez escola preparatória de Cadetes na época que começou a namorar minha irmã.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Era o nome dele mesmo, Capitão Mauricio?

O SR. ULISSES GUARIBA – Mauricio Lopes Lima. Ele fez a escola preparatória de Cadetes aqui, depois fez a AMA, e como ele ficou um ano fora porque ele andou dando uns trotes em calouros e ficou um ano fora da escola preparatória, ele ficou atrasado. Quando ele saiu da AMA ele foi para o Batalhão Suez. Depois foi guerra de selva, era um rapaz bem preparado. Agora, ele foi namorado da minha irmã e nós fomos a todos os bailes dessa cidade juntos de 56 até 66, uns 10 anos de convivência próxima. Fui procurá-lo e ele já estava na Oban, mas ele morava em uma vila aqui na Tutóia, tinha uma segurança especial, conversei com ele e ele disse, está preso mesmo, não tem condições, foi só o que foi feito. Esse grupo do José Olavo, foi na época que também foi presa a Dilma, acho até que pelo menos (ininteligível). A Dilma estava aqui em São Paulo e (ininteligível).

O SR. IVAN SEIXAS – Era a VAR Palmares?

O SR. ULISSES GUARIBA – Não. Nessa época ainda era a VPR, passando pela VAR Palmares que já tinha juntado com o pessoal da Colina e tal. Tinha feito aquele congresso lá em Petrópolis, e foi um congresso muito louco. O Lamarca contou do congresso e ele dizia, meu deus do céu, é um desastre, do jeito que nós estamos organizados nós não vamos longe. Estava consciente disso o Lamarca. Sabia que do jeito que estava, estava pisando em ovos. Era uma grande aventura que não tinha muita chance de ter sucesso. A gente tinha muita consciência disso. Nós conversamos várias noites. Já era a fusão da VPR para virar um organismo só. Mas era pouquíssima gente. Voltando, nesse período, fui procurar o José Olavo para ver onde ele tinha sido preso. Então, foi na mesma época que a Dilma tinha sido presa, a Heleny foi presa e um dia chega, foi à primeira prisão dela. Ela não foi presa em Poços de Caldas, ela foi presa em Serra Negra, ela estava em uma casa de veraneio da família do José Olavo, e ele estava lá. Prenderam, ameaçaram ele, torturaram a família, o pai ficou apavorado, a mãe mais apavorada ainda, porque não tinha nenhuma formação política. E um dia chegou o pai do José Olavo em casa, eu já tinha mudado para Maria Antonia, avisando que a Heleny tinha sido presa em Serra Negra. Aí fomos atrás, na Oban. Meu pai ficou lá na bronca, um certo respeito, meu pai já estava na Reserva, mas não havia acesso. Foi falar com o comandante do 2º Exército que também não era fã do meu pai, então, a procura foi mais ou menos inútil. Até que conseguimos contato com o delegado chefe do Dops que era o Senador Tuma. E ele diz, parece que vem para cá. O que aconteceu?

Ela estava na Oban, foi torturada por esse Homero e Albernáz, o Albernáz no fundo era um facínora. Esse Homero não, ele acabou tendo uma crise psicológica. Era loiro, alto e tal. E o Albernáz que era o sádico do time. Ela foi torturada, estava com as mãos todas roxas e parece que teve uma hemorragia de menstruação, etc. eles ficaram assustados e levaram ela para o Hospital Militar. Ela ficou lá dois dias. Ficamos sabendo, fomos lá no Hospital Militar, meu pai conseguiu falar com ela e eu não consegui, e ela foi mandada para o Dops. E o Tuma nos autorizou um dia a noite a ir lá conversar com ela. Ela saiu um dia, e tal, conversou, contou todas as coisas e de lá ela foi mandada para o Presídio Tiradentes. Ela ficou praticamente de 70 até 71, abril de 71 ela ficou no Presídio Tiradentes. Durante o período do Presídio Tiradentes houve um profundo envolvimento dela com os presos, com a organização e etc. e isso de fato

ocorreu. Houve uma, nós ficávamos sabendo todos os dias, mulher foi morta, marido foi morto, e tal e coisa. E houve um envolvimento muito grande dela com o pessoal da VPR.

E o advogado era o José Carlos Dias, tentava várias vezes ménage. Ménage era, você tinha filho menor e etc. então tinha chance. E era sempre negado até que em um, meu pai ia lá e conversávamos menos, quem (ininteligível) e em uma dessas convocações, que eles eram convocados, em uma dessas convocações tinham duas pessoas que meu pai tinha acesso, tinha trabalhado com eles dentro do Exército e etc. e eles votaram dois a um e ela saiu para, com o ménage em abril para ir.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Você estava indo Assis, São Paulo, São Paulo, Assis. E as crianças ficaram com quem?

O SR. ULISSES GUARIBA – Ficaram comigo. Eu mudei para a casa do meu pai que era uma casa grande, fiquei morando no anexo e o Francisco e o João ficaram comigo durante esse período. Em 71 eu mudei para Assis, mas nessa fase que ela esteve presa, aí houve o envolvimento. Ela saindo, ela voltou a militar. Daí não havia jeito de convencê-la. Eu tenho que passar as informações, tenho que mobilizar, não há mais chance de voltar esse tipo de coisa. E ficou na casa da mãe. Não queria ficar lá de jeito nenhum. Ficou na casa de um amigo, e depois de uma outra amiga, e um dia esse amigo diz, ela saiu de casa e de repente encontro ela no ponto de ônibus com uma peruca loira, quer dizer, não disfarça de ninguém. Não havia jeito. Tentei várias vezes conversar com ela e a ideia era que ela saísse do Brasil. e ia vendo exatamente como ela poderia sair. Em julho eu recebi um telefonema de que ela foi presa. Repetiram o telefonema no dia seguinte e mais nada. Aí fomos atrás.

E aí ficamos sabendo alguns meses depois que uma amiga nossa que tinha sido colega do ginásio diz, eu encontrei a Heleny seis horas da manhã no hotel Gloria no Rio

de Janeiro, eu estava saindo para pegar o avião e ela estava chegando ao Rio de Janeiro, nós cruzamos na porta. Conversamos, ela disse que tinha ido lá ver alguma coisa de Teatro, mas ela estava chegando. Eu acho que esse encontro deve ter sido fim do mês de julho. Então, de fato ela foi para o Rio de Janeiro e lá foi presa. E desapareceu nessa circunstancia. A partir daí não se teve notícia, se foi a todos lugar possível. E dizia, a mesma resposta que davam é que ela tinha saído para o exterior e etc. e até hoje não tivemos nenhuma notícia a não ser depois a Etienne Romeu, que foi a única...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – E aí você nem procurou o Capitão Mauricio para saber?

O SR. ULISSES GUARIBA – Procurei. Quando eu estava, é até bom que se diga isso porque esclarece. Durante a prisão dela no Tiradentes, ela me pedia para levar algumas mensagens para amigos nossos. E eu dizia, eu levo com a seguinte condição, eu leio o que eu vou levar. E aí me davam um pacotinho enrolado em durex, enfiava na boca e saía do Presídio Tiradentes com a notícia, abria, eu dizia se eu não puder abrir, não me dê. Fazia uma consulta lá e uma das vezes era para avisar uma amiga nossa que aqueles dois arquitetos, o Sergio Ferri e o Rodrigo Lefer. Avisar os dois que eles vão ser presos e tal. Entregaram ele na tortura e ele tem que sumir. Parece que o Sergio saiu e o Rodrigo foi preso. Outra vez foi para avisar o Salinas. Salinas, você vai ser preso de novo. E ele disse, outra vez? Mas eu não estou militando.

E no caso do Mauricio o que aconteceu foi, em uma dessas entregas que eu fiz avisando uma pessoa que era muito amiga nossa que eu não vou falar o nome, entreguei a ela, avisa o Rodrigo e o Sergio Lefer que vão ser presos. É a notícia que eu recebi. Essa pessoa, Rodrigo, acabou preso e falando o nome dela. E ela foi detida no Dops, disse que eu que tinha levado a mensagem para ela. E eu fui preso. Sorte que fui preso, e quem estava, um que estava na captura era o Mauricio. E ele chegou lá e disseram que ele estava sendo preso porque levava notícias de coisas e tal. E teve uma encrenca

grossa lá do Mauricio que avisou o delegado lá que não era para me torturar. Esse você não tortura porque não quero que ponha a mão nele. E aí tiveram lá um desentendimento que eu soube, e o Mauricio enfiou um 45 no peito do delegado para ele abrandar. Tanto que quando eu fui preso eu fiquei um dia, fiquei à tarde, à noite, na mesma época que o (ininteligível) foi preso, eu fiquei com ele lá no Dops e eu fiquei com mais sete na cela. E tinha um rapaz que era um assaltante de banco, não era terrorista nem nada. Era assaltante de banco normal. E ele tinha habilidade de abrir os cofres dos bancos do interior, e tinha sido preso pelo Fleury. Eu cheguei à cela e falei, o Fleury acaba de ser destituído, e ele perguntou, como destituído? E eu falei, não vai ficar mais aqui. E ele fez uma grande festa, me abraçou, me jogou para cima e etc. ele ia ser interrogado no dia seguinte pelo Fleury. Tamanho pavor que provocava não só nos militantes, mas também nos presos comuns a figura maléfica do Fleury. Daí eu fiquei preso, depois durante uma noite dizendo que não tinha levado, tinha levado um presente da presa para essa pessoa, e no meio do presente da presa tinha um (ininteligível) e de fato ela abriu o pacote e lá dentro tinha um papel dizendo. E o tal do delegado aceitou essa explicação absolutamente idiota e me liberou no fim da tarde. Foi no Dops. E fiquei preso lá quase dois dias.

Mas para ter uma ideia de como as coisas funcionavam também. O Mauricio estava no Dops. Ele que me impediu de ser torturado e preso. Eu podia ter sido indiciado. A pessoa também que noticiou era muito famosa demais. Então, isso também ajudou a não virar processo, mas esse período foi o período de prisão. Quando ela saiu, ela vai militar e foi questão de um mês. Foi maio, junho, foi para o Rio de Janeiro e desapareceu. Em linhas gerais foi isso. Aí procuramos em tudo quanto foi canto. Meu pai, mais antigo, tinha mania de escrever cartas. Mandava cartas para os amigos dele no Ministério e todos os cantos, e fomos a Brasília, ao Rio de Janeiro, a todos os cantos e não havia notícia dela. E ficamos sabendo depois que ela teria sido torturada e morta. E conversei com o Jose Carlos nos outros dias, perguntando se isso não dava base para abrir um processo. E ele afirma que não porque ela pelo contexto, supõe que havia sido a Heleny. Quer dizer, isso é uma conversa da Inês Etienne. E o José Carlos achava que não era possível abrir um processo apenas com essa prova. Era muito vaga. Então, não sei se expliquei tudo, mas em linhas gerais as coisas aconteciam dessa forma. Agora, que a tortura na Oban era regra, todo mundo sabe.

Ela fica mais ativa, eles se organizam melhor. A repressão vai se organizando também. No primeiro momento era tudo muito organizado. Depois que vai se estruturando a partir de 71. Aí passa a ter uma ação menos... Eu vi uma vez na casa do, eles tinham um, sabe papel quando você cola aquele papel de embrulho na parede, e vai fazendo os graficozinhos em tudo. E os gráficos vazios. Era tudo desenhado dessa maneira. Isso na Oban. Era um painel, você vê que tinha os nomes, você reconhecia, tinham outros, sabiam que existiam, mas não sabiam quem era. Tinham os nomes de guerra. Aqui estava a VPR, aqui a ALN, tinham vários gráficos desses com nomes preenchidos. Era uma repressão artesanal quando começou.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Me mata uma curiosidade. O Capitão Lamarca era do batalhão de SUEZ, o Mauricio serviu com ele lá?

O SR. ULISSES GUARIBA – Nunca perguntei de um para o outro. O Lamarca, aquele episódio do Lamarca, aquilo tirou ele de foco.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O episódio da pintura do caminhão, do Pedro Lobo, de quando ele teve que sair com as armas.

O SR. ULISSES GUARIBA – A ideia, a estratégia todo mundo sabia muito bem na VPR. Ele sairia com caminhão, com todo o material, com os morteiros, 90. Sairia com mais de um caminhão, eram vários caminhões, saíam com morteiro, 90 e

foi contado na época, antes de acontecer. Sairia com o morteiro 90, com os armamentos, avisaria todo mundo e explodiria o painel do 2º Exército. Sairia com todos os caminhões, iam atirar em cima do Palácio Bandeirantes, iam atirar em cima do Ibirapuera, no CPOR, e na Estação da Luz. Quer dizer, era para fazer um foguetório em uma noite e tinha os grupos que estavam se organizando para fazer isso, e na saída explodiriam o arsenal do gk90, porque fica entre (ininteligível).

Uma explosão daquela seria um terremoto em São Paulo. E depois fariam esse tipo de ação. A ideia era fazer uma ação desse tipo e todo mundo desaparecer em um ano, um ano e pouco. Era uma forma de contestar violentamente o Estado e o regime. O projeto era esse só que não deu certo. Aí saíram com as FALS do fuzil, e um desses FALS estava escondido com a Heleny. Pegaram na casa dela que estava até na casa de uma amiga nossa, Professora Maria do Carmo Pampelo da USP, ela tinha deixado na casa da Carmuti. Mas isso rodou depois, nunca se juntaram esses fuzis com os precursores, os percussores acabaram sendo apreendidos aqui e ali e o armamento que saiu foi muito pequeno, e o Lamarca tinha consciência de que não tínhamos estrutura nenhuma. Eu estou andando de casa em casa aqui sem beira, me prometeram que tem uma organização forte, articulada, fui para uma fazenda – ele esteve lá no interior, na fazenda dos Toledo, depois voltou e aí estavam pensando em fazer uma guerrilha no Vale da Ribeira. E vocês estão ficando todos loucos, falei 500 vezes para o Spinoza, isso é uma falta de juízo tão grande que não vai levar nem 24 horas para vocês estarem todos presos e fuzilados. É um absurdo. Não dá para fazer uma guerrilha na encosta de Juquiá. Quer dizer, não tinha nem ideia do que era o Vale da Ribeira e o que era a capacidade de ação. Era muito improvisado tudo. E o Lamarca tinha plena consciência disso. Eu achei que depois de um certo tempo, o Lamarca tinha uma consciência bem... A iara deu uma levantada porque depois eles começaram a namorar a minha casa lá. E na segunda fase que ele teve lá, ele já estava passando por um processo de acreditar um pouco que era líder. E eu digo, Lamarca, juízo, líder de que? E ele dizia que tinha que fazer. Já estava em uma fase meio de missionário, já acreditando em fantasias.

Mas isso para mim ficou bem claro nesse ano de 68 e 69 estava ocorrendo, e pensando que escrevia os textos, a iara dizendo que ele estava realizando uma missão heroica e tal, que era preciso... Mas enfim, foi trágico o final dela e dele, no sertão e em Salvador. Não sei se esclareço ou ajudo em alguma coisa.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Muito obrigado.

Você pode ficar mais um pouco conosco? Descansa um pouco. Vamos passar a diante. Vamos ouvir então, quem começa? Zé Logo ou Dulce?

A SRA. DULCE MUNIZ – Eu posso começar? Porque vou ter que levar minha neta.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Então começa a Dulce. Pega esse microfone para você ficar com mais autonomia.

A SRA. DULCE MUNIZ – Eu ouvi falar de Heleny Guariba nos fins de 68 quando ela dirigiu o Jorge Dandin com o grupo da cidade de Santo Andre, e depois no fim do ano ela ganhou o premio de revelação de diretor. Em 1696 no começo do ano, o Teatro Arena de São Paulo abriu um curso de interpretação que era coordenado por Heleny Guariba, Cecília Thumin, que agora é conhecida como Cecília Thumin Boal, ou só Cecília Boal que é a viúva do Boal e por um Professor de canto que era lá de Santo Andre, São Caetano, que é o Professor Baldu, Dra. Rose Marie e a bailarina Mercedes Batista. E em 69 eu tinha 21 anos de idade. Nós tínhamos um grupo, já fazia parte de um grupo de Teatro porque eu vim para São Paulo em 68 e nós fomos nos inscrever nesse curso, porque nós tínhamos lido muito sobre George Dandin, havia críticas muito significativas. E lá no Teatro eu conheci a Heleny, fui aluna dela e discípula como disse o Adriano Diogo, porque a Heleny Guariba era uma das pessoas mais inteligentes que

conheci. Uma das pessoas mais éticas e íntegras porque ela tinha lá no Teatro de Arena mais ou menos uns 20 jovens e ela nunca falou sobre nenhuma possibilidade de cooptação. E isso era uma coisa muito comum.

Havia lugar de jovem, pessoa que pertencia a uma ou outra organização sempre faziam um movimento para que fossem para as suas organizações. Eu já pertencia ao glorioso PORT, Partido Operário Revolucionário Trotskista, que alguns zombam dizendo que a gente fazia congresso em uma Kombi, era verdade talvez. Em um fusquinha.

E a Heleny foi uma professora extraordinária. Ela tinha uma integridade ao abordar os assuntos! E essa integridade, essa ética da Heleny era uma coisa que saltava, a gente via, ela não era uma pessoa dividida, ela era uma pessoa inteira, ela fazia o que ela pensava, e ela pensava o que ela fazia. E ela tinha planos de fazer uma grande montagem do Casamento do Fígaro do Bom Marché, com palco giratório, com os atores carimbados como (ininteligível). E nos fins de 69 a Heleny começou a faltar nos ensaios e eu me tornei grande amiga de Heleny. De certa forma, eu era confidente de Heleny. E aí ela começou a faltar nos ensaios. O Boal assumiu a direção do casamento do Fígaro porque havia um compromisso da Associação Estadual de Teatro que daria uma verba para que o Arena pudesse viajar a Nova Iorque para apresentar o Arena (ininteligível) no La Mama de Nova Iorque, e nós fizemos então esse espetáculo.

Uma das últimas vezes que eu a vi nesse ano de 69, nós fomos fazer uma apresentação em São José dos Campos e ela tinha ficado de ir fazer a palestra, e ela claro não conseguiu chegar na hora. Chegou, já tinha terminado. Nós todos chamamos muito a atenção dela. Todos nós ficamos muito bravos com ela. Aí eu falei, vamos com calma porque sabemos o que está acontecendo, embora ela nunca tenha falado.

Depois, nós ficamos sabendo que nesse período em que nós fazíamos aula com ela, ela abrigava na casa dela com o Ulisses e os dois meninos na Rua das Acácias, o homem mais procurado do Brasil, que era o Capitão Lamarca. Porque em janeiro de 69 quando ele sai do quartel, ele se torna o alvo mais procurado naquele momento. E no começo de 70, então realmente ela desaparece da nossa vista, então, nós não sabemos onde Heleny está. Eu fui presa no dia 01/05/1970, no Estado de Vila Maria Zélia, e estava no grupo que eu fui presa o dirigente Olavo Hansen, que depois veio a ser morto

pela ditadura. E quando eu cheguei dia 01/05/1970 eu tinha feito muita coisa, saído muito cedo de casa para fazer panfletagem e aquelas coisas todas que se fazia naquela época, e eu desmaiei no Dops. Tinha passado pelo QG da Polícia Militar, pelo Batalhão Tobias de Aguiar, pela Oban, levada para o Dops. No Dops a gente chegou por volta das quatro horas da manhã e eu acho que tive um desmaio. Buscaram o Dr. Valdemar Tebaldi que era preso àquela época, depois ele foi Prefeito de Americana, e ele me disse que eu tinha tido uma baixa violenta de pressão.

Então, eu fui levada primeiro para a carceragem. Estava amanhecendo, aquele lusco fusco, aquela coisa. Tinham muitas mulheres, mais ou menos 14 mulheres naquela cela, e de repente pela janelinha eu vi que passou a Carmuti, e a Carmuti olhou para dentro da cela e saiu correndo. E eu falei, o que foi? Daí um segundo, quem está à carinha na portinhola? A Heleny chorando e dizendo para mim, eu corri para a portinhola claro para falar com ela, e ela disse, puxa, quando disseram que tinha um grupo de ex-bancários presos eu pensei em você e no Helio, que era o meu ex-marido. E aí eu tive um transtorno hormonal, eu fiquei menstruada com 20 dias de adiantamento. E eu falo isso porque acho que são peculiaridades. Ela me deu uma calcinha azul com uma rendinha, e ela falava para mim, para você guardar.

E como eu tinha passado mal, os companheiros da cela e mesmo os outros, eles me orientavam que eu devia passar mal todos os dias, para eu poder sair, e falar. Dar recados e fazer, uma coisa que era chamada a época, quem foi preso sabe, que era o pombo correio. E todos os dias eu tinha condições de conversar um pouco com a Heleny. Como o Olavo Hansen tinha que ser tirado do Dops porque ele estava morrendo, nós também fomos libertados aos 15 dias de prisão. E ficamos assinando aquilo que o Ulisses falou aqui, aquela tal de ménage. E o Olavo foi realmente encontrado morto.

Em abril, fim de março a Heleny... Durante esse período meu irmão também estava preso no Presídio Tiradentes, então eu ia, segunda levar roupa, terça buscar roupa, quarta era a visita do primeiro pavilhão, quinta ia levar material para fazer artesanato, sexta alguma outra coisa e sábado visitava. E nesse sábado que eu visitava, eu conversava pelo portão que dividia a parte feminina da masculina com a Heleny, ela vinha. E eu voltava para casa com o pai e a mãe do José Olavo, o Sr. José e a Dona

Anita. E a Heleny vinha e ela fazia a mesma coisa que ela fazia com o Ulisses, ela pedia que eu levasse coisas. E eu levava. Só que ao contrário do Ulisses, eu não queria abrir nada. Eu queria me ver livre daquele negócio logo. Falava onde eu tinha que levar, quem ia buscar, e pronto. Eu ia.

Então, o meu contato, meu amor, meu afeto e minha admiração por ela foram aumentando. Quando foi então no fim de março de 71 e comecinho de abril a Heleny foi libertada como citou Ulisses. E nós estávamos com a viagem marcada para Nancy, o festival de Teatro que nós íamos participar com o Teatro Jornal Primeira Edição e o Arena Conta Zumbi. Heleny foi libertada e durante todos os dias até a gente embarcar para a Europa no dia 15 de abril de 71, Heleny foi todos os dias ao Teatro. E ela conversava comigo no dia que aparece o Boris morto. Quando a gente estava indo para o aeroporto a gente viu o Jornal da Tarde. Terror mata Boris, aquele homem que não só financiava, mas também torturava na Oban.

E aí nós fomos para, um pouco antes de viajar eu perguntei para a Heleny, porque como ela tinha sido nossa Professora, ela era do Arena, talvez fosse fácil conseguir alguma coisa. Ela disse que não. Que ela não queria ir. Bom, fizemos o espetáculo em Nancy, depois viajamos a Franca inteira, nos juntamos com Henrique Bonaventura do Teatro Experimental de Cali e com Santiago Garcia do La Candelária, e o (ininteligível) também conseguiu a liberdade. Ele viajou. Ele foi nos encontrar em Paris que ele estava fazendo apresentação do espetáculo lá. E o (ininteligível) enfim, vocês todos sabem mais ou menos a trajetória que o Boal desenvolveu. E nós então voltamos para o Brasil. Embora muita gente tenha dito que a gente não devia voltar, porque nós fazíamos um espetáculo muito violento, a gente denunciava demais a tortura. A falecida Dra. Nina me abraçava e dizia, não volte Dulce, eles vão enquadrar você na Lei de Segurança Nacional no Artigo Um, Dois, Três, Quatro, sei lá quantos mil ela falava. E eu falava, não Nina, temos que salvar o Teatro de Arena. Tinha 23 anos. E voltamos para o Arena. Chegamos ao Brasil de volta por volta do dia 08/06 ou alguma coisa assim.

Também nesse período, que foi a última vez que a vi, ela foi todos os dias no Teatro de Arena. E ela falava comigo. E daí eu falo, a Heleny pós para ela a tarefa de reagrupar, de reconstruir a VPR. Ela me dizia, Dulce, eu vou a Mooca encontrar um

comando, assim, assim assado. Se eu não voltar até tal hora, por favor, você faça isso, isso e isso. Eu vou até não sei onde fazer... E um dia ela me disse, estou muito preocupada. Se a iara foi presa eu estou 'complicada'. E daí foi à primeira vez em 71 que nós começamos, a saber, porque a gente não sabia. Ela nunca tinha falado para a gente as verdadeiras atividades que ela vinha desenvolvendo e o perigo que de fato vocês todos tinham corrido ao abrigar o Lamarca, a fazer tudo que vocês fizeram naquela casa. E aí eu falava, Heleny, você está correndo perigo. E ela falava, não, eu estou reconstruindo a VPR.

Um dia ela me convidou para jantar aqui, eu não sei se ainda existe, agora é um Teatro, antes era uma pizzaria chamada 'La Venceslina'. Eu fui lá jantar e quem estava com ela? Paulo de Tarso Celestino. E ele estava de terno porque ele era advogado. E eu brinquei muito com ele, e falava, cuidado Paulo. Você de terno parece outra coisa.

Brincamos muito, conversamos muito, mas claro que nas entrelinhas e nas entre conversas, a gente percebia que alguma coisa ali estava sendo conversada. E eu vou contar também, desculpem, uma coisa bem pessoal, mas eu tenho que contar. A Heleny engravidou, e ela então quis fazer um aborto. E quem é que fazia o aborto da juventude de esquerda. Das mulheres de esquerda naquela época? Isaac Abramovich, que tem uma clínica de esquina na rua (ininteligível). Está lá até hoje, embora hoje ele tenha morrido. E fui com a Heleny. Fez o que tinha que fazer, ela subiu, e nós pegamos um ônibus, era aquele Aeroporto Perdizes. Eu não sei se ele ainda chama Aeroporto Perdizes, mas Aeroporto ele ainda chama. E o Caetano de Campos ainda era Caetano de Campos. Ainda não tinha fechado tudo aquilo, aquilo não era uma praça. Então, o ônibus passava em frente ao Caetano de Campos. Isso devia ser oito ou nove de julho de 1971. Aí nós conversamos um pouco. Ela tinha pedido algumas coisas que eu devia providenciar para ajudar, para fazer algumas coisas. Eu descii no ponto do Caetano de Campos nessa época, porque eu morava quando a gente voltou no festival de Nancy, a gente passou a morar no Teatro de Arena. E ela continuou no ônibus e pós a cabecinha, aquela cabecinha com aquele cabelinho a la garconne, francesinha que ela era, e ela pós a cabeça e gritou, Dulce, liga para a tia Irma e fala que eu vou voltar na 2ª quinzena de julho para levar o Chico e o João para a praia. Eu, fiz o que eu tinha que fazer.

Quando foi por volta do dia 13, 15, 18, entre 15 e 18 de julho nós estávamos ensaiando no Teatro de Arena o Doce América Latino América, um painel que nós fizemos sobre toda a história de colonização e depois de revolta, e depois da tentativa de construir um mundo diferente da América Latina. Também com o Ulisses, um telefonema que não falou quem era, me chamaram, a Maria era nossa bilheteira, ela me chamou, Dulce, telefone para você.

E eu, alô. A pessoa, uma voz masculina. É Dulce Muniz? E eu falei, sim, sou eu. Ele disse, estou telefonando para avisar que a Heleny Guariba foi presa no Rio de Janeiro, mas ela está bem. E eu falei, quem está falando? E a pessoa desligou. Depois também como o Ulisses, uns dois ou três dias, de novo outro telefonema, e aí nunca mais nós vimos a Heleny.

Vinham às versões mais disparatadas, que tinha sido vista na Galeria Alvear em Buenos Aires, que tinha sido vista em uma Rua na Argélia, que estava internada em um manicômio, enfim, e nós tínhamos notícia que o General, que na minha peça eu pus Mariano, mas a gente chamava de General Guariba, ele estava indo procurar a Heleny em todos os departamentos que ele pudesse. E infelizmente, desgraçadamente ela não foi encontrada pelas razões que ela não podia ser encontrada. Em 1976 eu conheci pessoalmente Inês Etienne Romeu que já relatou, ela deu uma grande entrevista relatando todos os sofrimentos que ela presenciou e pelos quais ela passou, Inês, lá na Casa da Morte. E Inês também se torna muito minha amiga porque eu tinha sido muito amiga e aluna da Heleny. Inês passa a frequentar minha casa. Ela me fornece muitas das informações para eu escrever as duas peças, uma sobre a Iara e outra sobre a Heleny. e ela me disse um dia, na época que eu dei a entrevista, eu fiquei meio, estava meio abalada, todo mundo conhece a via crucis que a Inês Etienne passou na Casa da Morte. E ela me falava, eu sei que era a Heleny. Eu ouvi as vozes, eu sei que era a Heleny. E ela conta, ela relata a morte do Celestino e da Heleny. E depois que a Heleny desapareceu. Em 74 eu tive a minha filha, eu queria achar o pai dela, mas o pai dela queria outro nome, então virou Ana Heleny. Eu escrevi em 93,94 a peça 'Heleny Heleny doce colibri', tenho feito de todas as formas um trabalho de colaboração com todas as organizações que buscam os desaparecidos e por último, esse é um relato muito pessoal, eu não tenho nenhuma grande revelação para fazer, mas eu tenho tentado

através disso fazer viva a imagem dela e também na tentativa de poder um dia saber pelo menos enterrar o corpo, o que foi feito e o que não foi.

Então, escrevi um pequeno artigo para a revista 'A Parte do Trotsky' que vai sair agora, escrevi um outro para a revista 'Traulito', eu acho que é isso que chama, de uma companhia de Teatro chamada Companhia do Latão, e no domingo agora, dia 17 a Heleny se viva estivesse completaria 72 anos. E nós vamos então transformar o nosso pequeno espaço que se chama Teatro Studio 184 em Teatro Studio Heleny Guariba. Nós vamos descerrar uma plaquinha que nós fizemos com a carinha dela e o nome do Teatro, depois nós vamos apresentar um pequeno texto de um documentário que foi feito pela TVT e vamos também, aqui a Comissão da Verdade está organizando, além de ter esses depoimentos todos, também haverá uma espécie de dramatização de depoimentos feitos por atores, por atrizes, e a Comissão da Verdade com Amelinha, Adriano, Ivan, eles me convidaram para coordenar esse trabalho e graças a muitos esforços nós conseguimos realizar a primeira gravação que foi a do Merlino. O Celso Frateschi que fez, e ficou muito boa, ficou muito forte. E domingo a gente vai lançar também esse pequeno projeto. É a primeira leva de 12 atores e atrizes que vão gravar os primeiros depoimentos, e é isso.

Eu sempre entrei em contato com o Chico, sempre tentei como João também, eventualmente eu consigo alguma coisa. Em 95 o Alípio era diretor lá de Diadema, então foi dado o nome da Heleny para uma casa de cultura, e nesse dia nós conseguimos juntar todos que já estavam. A Tita, a mãe, o Moacir, a Marli, o Chico foi, a Cândida era pequenininha, o General Guariba foi, o Francisquinho filho do Chico foi, e uma menina também que era filha. Eu tentei falar com o Ulisses, não sei se consegui, mas o Ulisses não veio. Mas todo mundo foi. Foi um dia muito bonito de celebração, da vida íntegra que ela teve, enfim, dedicado à causa do coletivo e por último também em 96 nós fizemos lá no TUSP, que o TUSP hoje funciona onde funcionou a FEFELESTE, lugar onde ela estudou com a Iara, nós fizemos então uma exposição de fotografias, uma amostra de uns curta metragens, palestras e ficou lá durante um mês a exposição, lemos as três peças, 'A rosa vermelha', sobre a rosa Luxemburgo e a 'Iara camarada e amante' sobre Iara Iavelberg e a 'Heleny Heleny doce colibri'. A Inês foi, o General Guariba foi, o Chico foi e até me ajudou nessa época. Enfim, quero dizer isso para vocês, não sou evidentemente a mesma pessoa que eu teria sido se a Heleny não tivesse sido

assassinada. Devo a ela o pouco que eu sei, o pouco que eu tento ser íntegra, ética e solidária, uma boa parte eu devo a minha querida Professora e mestra Heleny Guariba.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Elza Lobo.

A SRA. ELZA LOBO – Em 1965 na Universidade Católica nós criamos o grupo de Teatro, o TUCA, Teatro dos Universitários da Católica. E nesse momento, a gente buscando os diferentes textos a gente assumiu o texto do João Cabral de Melo Neto, ‘Morte e vida Severina’. Quando da apresentação do espetáculo, a gente foi muito aplaudido, foi um sucesso muito grande e fomos convidados para o festival de Teatro de Nancy. O mesmo que vocês foram, nós fomos antes. E fomos para Nancy apresentar ‘Morte e vida Severina’ e nesse momento da chegada a Paris para ir para Nancy eu tive oportunidade de conhecer a Heleny, porque vocês estavam naquela época em Paris e a Heleny passou a ser a nossa interlocutora com diferentes espaços em Paris ligados a Teatro. E tivemos a oportunidade de ganhar com o festival mundial de Teatro universitário em si, e com isso fomos convidados para fazer apresentação em Paris. E em Paris a Heleny foi a nossa intermediadora, a nossa interlocutora que nos ajudou tanto nos contatos de imprensa como de cidades para que a gente tivesse debates fora das apresentações teatrais. Ficamos um período longo nesses debates, nessas reuniões, e quando voltamos, porque tivemos oportunidade também depois de Paris sermos convidados para apresentar o espetáculo em Portugal, e em Portugal fizemos as apresentações no Porto, Lisboa e Coimbra, e tivemos um sucesso muito grande. A Heleny nesse ponto estava como aluna do (ininteligível) que era a época diretor do Teatro Popular Nacional Francês. Então, essa relação também foi muito intensa com o grupo do TUCA em São Paulo. Isso foi na década de 60, porque fomos premiados em 66. E quando do período mais intenso autoritário porque estávamos em várias pessoas que tínhamos sido do grupo de Teatro primeiro da Oban, fui presa na minha casa pelo Capitão Mauricio. A equipe toda do Albernáz, Homero, que eram as figuras centrais da

Oban que eram os torturadores e interrogadores da época. Toda essa caminhada fez com que a gente se aproximasse cada vez mais internamente, entre as pessoas que estavam detidas. E quando a Heleny estava voltando de Paris, ela faz todo um trabalho na região de Santo Andre em uma caminhada muito intensa. E nos encontramos, não no centro, mas sim no presídio Tiradentes, e convivemos então um período grande, onde outra vez também para que a gente tivesse uma inserção maior entre as outras pessoas, o Teatro foi o nosso eixo central. E fizemos toda uma representação teatral dentro do presídio na ala feminina, mas dando destaque com a voz bem alta para que a ala masculina pudesse estar acompanhando o que nós estávamos denunciando naquele momento, e conseguimos que as várias celas fossem abertas para que a gente fizesse o trabalho em conjunto. Então, essa caminhada foi muito intensa, muito forte, e sempre quando se faz o resgate dessa caminhada à gente tem a presença da Heleny muito forte porque foi ela que comandou toda a organização da representação. E isso trouxe para fora do presídio também, de não só os familiares, mas dos amigos todos de estarem sabendo o que estava acontecendo. Acho que foi importante toda essa caminhada, e daí eu faço um resgate muito grande a você por estar trazendo essa memória teatral, porque vários dos grupos da nossa época foram desaparecendo. As pessoas ou não continuaram ou tiveram dificuldades, mas a persistência sua tem nos dado muita força no sentido de que a gente tem que estar continuando e caminhando. Esse resgate do que foi a apresentação em Paris e no festival, foi naquele momento, como nós fomos os primeiros foi uma loucura, os jornais todos fizeram publicação e trouxeram a tona o que tinha ocorrido. E a gente estava correndo cada vez mais no sentido de não perder o pique em relação a estar denunciando o que ocorre.

Acho que esse depoimento que foi feito pela Inês Etienne foi importante quando ela dá o relato todo do que ocorreu e que pouca gente tinha noção de que isso estava acontecendo no país. Acho que...

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Desculpe interromper, mas todo mundo vem e fala assim, Casa da Morte de Petrópolis, dá uma situadinha, aproveita para situar o que foi essa Casa da Morte, quem é Inês Etienne, eu sei que vai

interromper, mas depois, lá na frente você dá uma amarrada nisso para o depoimento ficar mais...

A SRA. ELZA LOBO – A caminhada toda nossa foi muito forte trazendo não só a questão do que você já falou, do Dandin, a gente já falou também do marido traído do Molière, a opera dos três vinténs, o papel todo do Debret e o papel da Heleny trazendo toda essa caminhada também não só na história dela na área teatral, mas dentro do presídio e na contribuição inclusive das leituras que se foi conseguindo para que se tivesse debates internos que fizesse com que as pessoas crescessem e não ficassem só na perspectiva do sofrimento, da tortura do que vinha ocorrendo.

Então, eu acho que esse lado foi muito importante, acho que quando ela foi solta teve o depoimento importante do que foi a menina do Rio de Janeiro que faz a denúncia e acho que uma das coisas que foi muito interessante foi todo o relato também, mais recente do próprio Frei Beto sobre a Heleny, que ele apontava que do jeito alegre, cativante, pequena, arisca e bonita, beleza que a gente percebe que vem de dentro para fora. Enraizada do espírito ágil que lhe conservava no corpo o jeito de menina. Então, eu acho que esse trecho do Beto também é muito forte, e acho que a coragem, a fibra, ela sempre miudinha, nossa menina lembra muito a Heleny que não se importava de estar sempre batalhando e lutando por mudanças. É uma pessoa que não aceitava o que acontecia, mas sim a luta dela constante era de estar transformando. Eu acho que o fato de a gente ter se conhecido rapidamente na época do festival, depois do festival de Nancy em Paris, com o Jack Lang como Ministro, depois teve toda uma atuação e nas vezes que ele esteve aqui no Brasil, ele sempre fez questão de estar reencontrando o grupo do TUCA e estar relembando todas as questões que foram de batalha naquele momento. Eu acho que você fala do lado da Heleny, eu acho que ela foi uma além de produtora teatral, ela foi realmente uma grande guerrilheira, integrante da luta armada, ex-estudante da faculdade de Filosofia, foi Professora universitária, trabalhou com o Boal, fez parte do grupo de Teatro das cidades, organizou aquele trabalho maravilhoso em Santo Andre e entre 65 e 67 que foi o período que a gente a conheceu na França, ela deu aulas de dramaturgia, participou muito intensamente do Teatro de Arena, e casou-se

em 62 e tiveram os filhos que hoje eu acho que para eles de um lado é difícil acompanhar toda essa trajetória, mas é importante para que cada vez mais, toda essa história dessa família seja trazida a tona para que a sociedade saiba e reconheça o que foi a batalha desses jovens que deram a vida em função de transformar a realidade do nosso país. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Candinha Guariba. Depois Dulce, eu queria que vocês duas falassem um pouquinho, porque quando em 68 lá no Arena, até antes, em 66, 67, tinha Boal, tinha Guarnier, tinha Edu Lobo, tinha Plínio Marcos e toda aquela loucura lá. Conta como a Heleny transitava em todas essas tribos. Candinha Guariba com a palavra.

Porque todo mundo quando te conhece fala assim, ela é neta, aí cai toda uma herança, uma responsabilidade. Então, eu queria saber como você convive com a Candinha, e com a Candinha Guariba. Entendeu a diferença?

A SRTA. CÂNDIDA GUARIBA – Entendi. Oi. Eu não sei direito o que falar, mas então eu acho que eu vou começar por uma coisa que eu acho que é mais fácil de falar, que eu acho que é de dados, porque em um desses dias que me ligaram para dar entrevista, uma moça falou, uma jornalista me ligou falando que tinha descoberto uma lista nesses novos documentos que tinha sido liberado. E que queria falar para mim antes que saísse no jornal a notícia que ela ia dar, e essa lista seria, segundo o que ela pesquisou, uma lista das datas das mortes de uma série de pessoas.

E aí ela chegou a essa conclusão porque tinha várias pessoas que eram conhecidas e a data da morte dessas pessoas eram conhecidas, e batia a data da morte com essas datas significavam as datas das mortes dessas pessoas que eram conhecidas. E então, o nome da minha avó estaria lá, está nessa lista que ela me mandou, depois eu posso mandar para vocês, e que então ela teria morrido, ela foi presa em julho, eu não

me lembro agora se é dia 21 ou dia 22, mas o que significa que ela ficou pouco tempo nessa última prisão. Eu não sei, acho que essa é uma informação importante, talvez em termos documentais.

E a segunda coisa é sobre, não sei, ultimamente com toda essa coisa da Comissão da Verdade, e um pouco de militância também eu tenho percebido que muda. O impacto de ter a minha avó tem me colocado com uma identidade diferente, tem me feito pensar um pouco sobre isso. Porque as pessoas sempre perguntam se eu estou fazendo o que eu estou fazendo, nas militâncias que eu estou fazendo, o quão ela influenciou, o quanto isso tem a ver. E eu não sei. Eu entendo que a luta que ela fazia era muito do que devia ser feito. O que o meu avo estava falando, ao mesmo tempo em que podia aparecer uma coisa de muito pouca organização, podia parecer uma insanidade entrar nessa. Mas ao mesmo tempo tem o sentimento de que não dava para aceitar. Não dava para ficar parado. E eu penso que é a mesma coisa que eu sinto hoje em dia, de todos os absurdos que não dá nem para citar.

E nesses dias eu também estava pensando nisso. Sempre que eu fazia alguma coisa, tipo ir bem na escola, ele falava, meio brincando, mas ele falava, você não fez mais que sua obrigação. E essa é uma frase que sempre meio que participou da minha vida. E eu estava pensando nisso, conversando um pouco com a minha mãe e a gente pensou que isso pudesse ter a ver com essa história porque para eles enfrentarem o fato de ter uma mãe que desapareceu e fica em uma vida dividida entre reorganizar uma organização que precisa ser organizada, porque alguma coisa precisa ser feita, porque não dá para não fazer nada, e um pouco cuidar dos filhos, então talvez tenha sido uma coisa que ele colocou dentro dele. Tipo, ela precisava fazer isso porque era obrigação dela. Porque era obrigação dela, de todo mundo, mas também dela. Sei lá, uma coisa que tem a ver com essa frase de não ter feito mais que sua obrigação. Você precisa fazer isso, porque está tudo errado, alguém precisa fazer alguma coisa, alguém, a gente também. E não sei, estava pensando nisso que eu acho que tem a ver. Não sei. Ajuda a superar isso talvez. Não sei. Não sei mais o que falar.

Uma das militâncias que eu participo mais ativamente é a Frente do Esculacho Popular, que surgiu com um pouco porque a gente conhecia a história dos escrachos em outros países, aí eu conheci uma moça que ficou muito minha amiga agora que é a Paula

Saqueta, que não pode vir aqui hoje. E aí tinha meio na cabeça que isso era algo que precisava ser feito, porque a Comissão da Verdade ainda não tinha saído, estava ainda tramitando, e a gente percebia, conversando com todo mundo, que as pessoas nem sabiam o que era Comissão da Verdade, nem sabia o que era torturador, nem sabia que hoje em dia existe tortura, nada disso, enfim, as pessoas não sabem de nada. E aí a gente achava que era isso que a gente tinha que fazer. Aí a gente foi conversando com várias pessoas, juntando um monte de gente. Até que no Roda Viva foi convidado o Cabo Anselmo para ir ao programa. E ela ficou muito assustada com o fato de que ele podia ir lá, falar o que ele tinha para falar, e ninguém fazer nada. Ela ficou assustada. E aí ela falou, bom, agora acho que é o momento, vamos marcar uma reunião com todas as pessoas que a gente está conversando. Aí a gente marcou e pensou como se organizar, como fazer isso, que é uma forma de denúncia de que essas pessoas que são torturadores ou que fizeram parte desse sistema, tanto como talvez financiadores, médicos, uma engrenagem muito grande. Para as pessoas saberem que elas existiram, que elas não foram punidas, que elas estão aí. Porque também quando você conversa com as pessoas nas ruas, que isso existiu e que as pessoas não foram punidas elas falam, nossa, mas como? Como assim, essas pessoas não foram punidas? Sei lá. Quando você vai conversar com alguém que está tirando xerox de alguma coisa que você está fazendo e a pessoa pergunta, o que você está fazendo? Aí você fica meio assim, explica e a pessoa fala, nossa. Mas essas pessoas estão aí? Tipo, elas moram aqui? E aí a gente fez o primeiro escracho que foi do Chibata, que era um médico que participava dessa estrutura e o que a gente percebeu que foi muito legal, a gente não, o que eu achei mais legal é que a gente colocava cartazes nas ruas e nas vizinhanças, em volta das casas. E as pessoas realmente percebiam que sei lá, essa pessoa que está aí podia ser vizinha dela, podia ser cliente na farmácia dela. Tipo, faz as pessoas terem uma visão diferente da coisa, sabe? Não fica estigmatizado, só, meu deus, tem uns militantes que ficam falando de uma coisa do passado, que saco.

E de repente não. De repente a pessoa que você encontra no elevador é um torturador. E sei lá, fazer as pessoas tomarem mais consciência disso, conhecerem mais a história e o que eu gosto mais dessa ação não é essa parte pequenininha que é, nesse pequeno prédio todo mundo vai saber que no seu prédio existe um cara que foi

torturador na ditadura e que está livre, que está aí. E que a gente enquanto país, não fez nada em relação a isso. E é isso.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A outra netinha. Não. Está bom. Então vai. Outro dia que eu soube que o João é o irmão do Chico, eu não sabia. Como o João é mais bravo que o Chico e está sempre do lado do Aluisio, o que o leva sempre a estar à beira de um ataque de nervos, aí até ia te contar, Candinha, mas vamos terminar isso aqui. Dulce, fala um pouco. Porque como aquele Teatro de Arena era aquela loucura toda, acontecia de tudo principalmente, fala um pouco de como a Heleny transitava naquilo tudo lá.

O Assis falou assim, como fala da Heleny, todo mundo que fala da Heleny associa muito com o Boal. Então pegou esse lado.

Fala Ulisses. Fala aqui senão você fica desconfortável.

O SR. ULISSES GUARIBA – Nesses anos 60 a ligação pessoal da filosofia com a Arena era muito próxima. Tinha ali o Bar do Redondo, e praticamente a gente vivia na esquina da Maria Antonia. E na formação da Heleny e o interesse dela por Teatro veio fundamentalmente do Boal. O Boal é que de certa forma estimulou, orientou, ela fez uma assistência, se não me engano foi na Mandrágora, quando foi montada a Mandrágora em 65 ou 66 acho, até tinha um rapaz que era muito ágil e tal, e o Boal dizia, esse camarada vai fazer sucesso e tal, é o, qual o nome dele? Que fazia Mandrágora.

A SRA. DULCE MUNIZ – Lima Duarte?

O SR. ULISSES GUARIBA – Não. O Lima Duarte chegava no Arena, ele era trabalhador. Então ele chegava no Arena nesses anos 60 com um capote fechado, não falava com ninguém, tinha aquela cara de mau, se trocava no Arena para representar e aí ele era uma outra pessoa. Depois saía também sorrateiramente, era uma figura. O Fagundes, era o molecão que apareceu lá no Mandrágora. Então, a Heleny começou a aprender essas coisas de Teatro e daí na faculdade se interessar por dramaturgia. Quer dizer, com uma série de cursos (ininteligível) ela se voltou para a leitura do Brecht e dos pós brechtianos. E essa ligação do Arena eram dois lugares que você podia ir que eram saudáveis culturalmente. Era o Arena e o Oficina e do José Celso, de todos eles era um outro local e foi lá que afinal de contas o Boal ensinou as coisas todas de espetáculo, e depois ela foi aprender com o José Celso lá no Oficina. Todas as montagens que ele fez do Augusto, as montagens todas que ele fez dos Brechtianos, eram montagens que ele pegava, ele recebia do (ininteligível) da Alemanha as fotografias inteiras do Brecht e a montagem para o Oficina, então o grupo lá era um grupo muito vivo, e aos poucos foi ganhando autonomia, se individualizando, e eram os dois centros, se discutiam questões nacionais que faziam parte daquela movimentação toda de se discutir a realidade brasileira dos anos 50 dizendo início dos anos 60. E era o Oficina e o Arena. Foram os dois lugares que levaram à formação dela e a procura de se especializar a além.

A grande discussão do José Celso foi como ser pré brechtianos, e a do Boal também foi como se exprimir. Agora, uma coisa que eu queria deixar registrado aqui foi que, aí a organização, quando ela estava na EAD se surgiu à ideia de fazer um grupo de Teatro lá. E esse grupo, isso começou porque haviam vários atores que tinham feito Teatro amador em Santo Andre. O Petrin, a Sonia e tinha um grupo. Quando nós organizamos era para fazer a experiência de um Teatro popular em Santo Andre. Montar um grupo que tinha a experiência de amador para mais profissional e ocuparia com a inauguração do Teatro (ininteligível) o Miller era o Secretário.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Está alternando a fala do Ulisses com a Dulce, para efeito de gravação.

O SR. ULISSES GUARIBA – O que possibilitou tudo isso foram duas figuras que eu vejo pouco falarem. Um deles era o Miller, que o diretor de cultura era o Brandão, de Santo Andre. Ele dava autonomia ao Miller para ele organizar um Teatro popular. E montar um grupo, fazer o grupo se profissionalizar, deu toda a sustentação até financeira, dava uns cobres de vez em quando para a turma tomar lanche. Nós passamos seis meses ensaiando, teve uma participação muito grande na montagem do Jorge Dandin que foi o cenário que foi montado pelo Flavio Império. O espetáculo foi muito bonito, fez muito sucesso.

Naquela época para se ter uma ideia, o Roda Viva aqui em São Paulo, que era o espetáculo maior aqui em São Paulo, foi um sucesso extraordinário. Foram 80 mil pessoas que assistiram o Roda Viva em São Paulo. Depois foi, os militares ameaçavam invadir.

A SRA. DULCE MUNIZ – O CCC invadiu o Comando de Caça aos Comunistas invadiu o Teatro, bateu nos atores, nas atrizes e teve um que morreu afogado em uma das caixas d'água do Teatro.

O SR. ULISSES GUARIBA – Mas foi um sucesso o Roda Viva. 80 mil pessoas assistiram em São Paulo. O de Santo Andre, assistiram 40 mil pessoas. Porque era um programa que se fazia assim, nós tínhamos um grupo grande, eu fui produtor lá e organizei o trabalho. Mas tinha um grupo grande. A gente pegava o pessoal das escolas. Todas as escolas de Santo Andre foram ao espetáculo. Ele passava o espetáculo e depois

tinha um longo debate. Um espetáculo onde todos participavam, e depois passava o debate, a ideia era essa coisa que é fundamental. Você não faz cultura sem ter público. O problema era a formação desse público. Essa era a grande discussão de como isso poderia ser desenvolvido no (ininteligível). Agora, o que acabou com a experiência foi o ai5. No dia do AI5 nós estávamos fazendo uma apresentação do espetáculo em São Caetano, no Ginásio de São Caetano, e paramos às seis horas da tarde para escutar a leitura do Ato Institucional número Cinco. A partir daí fizemos o espetáculo praticamente encerrou o grupo. Porque cada um de alguma forma foi se (ininteligível) em algum lugar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – A leitura foi às oito horas da noite, não foi?

O SR. ULISSES GUARIBA – Exatamente. Foi no fim da tarde. Eu vi que estava escurecendo quando foi anunciado o AI5. A partir daí, cada um foi para um caminho inclusive político. Ali era um grupo grande. Tinha de tudo ali. Tinha desde o Grupo dos 11, o pessoal do Partido Comunista, o pessoal Trotskista, o pessoal da tradição, da vida cultural de Santo Andre que sempre teve (ininteligível), tinham atores, tinham diretores, então, era um grupo todo que se reunia em função de um projeto cultural e político importante, que era de certa forma você debater a cultura com a comunidade.

E isso só foi possível, precisa se registrar, devido a esse Prefeito que foi da Arena e ao Geraldo Miller que foi o diretor de cultura.

A SRA. DULCE MUNIZ – Eu queria falar uma coisa que o Ulisses falou aí, que o Arena tinha muita gente, era uma questão de curiosidade, acho até que muita gente sabe. Mas um dos Secretários do Teatro de Arena nos anos de 67, 66, foi o José Dirceu. Está lá no programinha, Secretário, José Dirceu de Oliveira e Silva.

Então, para tentar rapidamente falar sobre como a Heleny transitava, como eu disse naquele depoimento, a Heleny era uma das inteligências mais brilhantes que a gente poderia ter. Por isso é mais terrível ainda pensar que uma cabeça daquelas foi embora com 30 anos. É uma verdadeira tragédia. E a Heleny tinha essa capacidade. Você vê que o Frei Beto fala, eu falo na peça, era miúda, era pequena. Ela tinha a capacidade de aliar aquela brilhante inteligência que ela tinha a uma refinada sensibilidade. Ela era capaz de perceber coisas, e ela era uma articuladora. Então, por exemplo, o Boal. Ele é um grande articulador, um gênio, uma das maiores inteligências do mundo, e ele é quem chama a Heleny para dar aula na EAD. E depois ela conhece, quando o Boal se casa com a Cecília, ela também com a Cecília cria esse curso de interpretação do Arena. E a Heleny na curta vida profissional que ela teve, porque na verdade profissional mesmo, ela só fez o Jorge Dandin que ela ganhou uma adaptação. Ela ganhou uma montagem lá no curso de artes da EAD, pequena, e lá quando ela dava aula no curso da aliança francesa. Ela tinha planos de montar com o Teatro da cidade o Rocco e seus irmãos, o Ricardo III e fez a última tentativa dela de montar com a gente o Casamento do Fígaro. E ela tinha a comunidade teatral da época, tanto que você vê, o Ulisses fala que tinham dois centros de cultura e de arte que era o Oficina e o Arena. Hoje a gente tem graças a deus e aos nossos esforços, muitos grupos, muitos centros e tal. Então, ela era respeitadíssima pela comunidade teatral daquela época que era bem pequena e nós todos nos reconhecíamos. Eu que era uma jovem aluna do Teatro de Arena, em algumas vezes eu me vi em restaurante porque era uma prática, terminava o espetáculo e a gente ia a restaurantes, sentada na mesma mesa em que estava a Heleny e do outro lado, por exemplo, o Valmor Chagas. E a gente tinha, e todo mundo tratava a gente com muita delicadeza.

Então, a Heleny, por exemplo, quando ela dava aula na EAD, ela fez uma montagem extraordinária, eu não gosto e nem ela gostava, do Nelson Rodrigues, mas ela fez como desafio, ela fez uma montagem extraordinária do Nelson Rodrigues que

era Dorotéia. A Globo estampou, foi manchete, um escândalo então, ela tinha essa capacidade de mexer com aquilo que era mais ou menos estabelecido.

Ela era uma viva tentativa de transformação. Ela a pessoa. E ela fazia isso em todas as coisas que ela fazia para a gente. Ela teve muitos alunos lá na EAD. Ela foi Professora de muita gente, formou grupo lá na EAD com Petrin, Sonia Guedes, e no Teatro de Arena, só para citar algumas pessoas para ver a capacidade que ela tinha de formação, tem vários nomes que tem por aí, mas, por exemplo, o Celso Frateschi. Ele começou a fazer aula no Teatro de Arena com a Heleny. Ele tinha 16 anos e hoje o Celso não é só um ator reconhecido, festejado, mas também é um homem que participa das elaborações das culturas. É um colaborador de Teatro.

A Denise Del Vecchio, também foi aluna. Era menininha também 17 anos, começou com a Heleny. Então, a Isa (ininteligível) a Maura Arantes que também infelizmente se matou. Mas a capacidade que a Heleny tinha de ir entre todos, era a capacidade de uma articuladora e de uma transformadora. E quero frisar bem, Heleny sempre fazia tudo com muito respeito a todos, com muita ética e com muita integridade. Ela não era do tipo que vai para cima como trator. Ela era uma pesquisadora, uma estudiosa.

Então, é o que eu falo para vocês todos. A ditadura roubou muitas coisas do povo em geral. Mas nós em particular do Teatro, roubou uma possibilidade que o Teatro poderia ter tido de ser um pouco diferente do que é. Ela poderia ter colaborado muito. E particularmente mesmo, pessoalmente uma perda para mim absolutamente devastadora.

Eu sei que quando ela desapareceu fez um corte na minha alma e no meu corpo. Eu sei que esse depoimento hoje aqui, é retratar, por exemplo, uma pessoa que eu sei que eu não vou sentir falta aqui, o Izaías Almada, o diretor, ator que também foi do Arena. Hoje um jornalista, um maravilhoso escritor, tem um livro belíssimo que acabou de sair que é o 'Sucursal do Inferno'. Ele faz um depoimento, e é a última coisa que eu vou falar então, que ele tinha optado por não ficar mais na luta armada. Mas a Heleny não. E ela foi encontrar com ele no Arena, no redondo, e ela tentou argumentar com ele, mas logo eles perceberam que ele não iria mais, mas que ela iria.

E ele termina o depoimento falando, e ela se afastou e eu fiquei olhando para ela e pensando...

Então, essa é a Heleny Guariba.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Sábado à noite.

A SRA. DULCE MUNIZ – Domingo à noite. Às 19 horas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – O filme quando é?

A SRA. DULCE MUNIZ – O filme do Alípio é no sábado às 15 horas.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Precisa confirmar a presença, certo?

A SRA. DULCE MUNIZ – Sim, tem que registrar porque lá no Memorial esperavam 120, 150, alguma coisa assim, 400 pessoas. E lá no nosso teatrinho o telefone não para de gente que quer.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Só uma coisa. O Chico se animou, vai dar uma palavrinha.

O SR. FRANCISCO GUARIBA – Bom, quando minha mãe morreu, eu e meu irmão a gente era muito criança. A gente tinha sete anos eu, quatro anos ele. E para nós é muito difícil, assim, principalmente falar sobre o assunto. Principalmente participar dessas questões. Foi sempre um processo muito difícil. Sobrevivemos graças ao meu pai que nos cuidou efetivamente muito bem.

Eu queria agradecer muito esses depoimentos, esses trabalhos que é de profundo, depoimento de quem viveu com ela, quem sabe da importância dela.

Pela minha dificuldade até de tratar dessas questões, eu tive, até participei um pouco, muito pouco. A gente se conheceu lá pelo começo dos anos 90. Mas aí eu tive minha filha mais velha, a Cândida. E eu e a Cândida a gente sempre foi muito próximos um do outro. A gente sempre teve uma afinidade muito grande de princípios, de...

E aí quando a Cândida estava ainda adolescente, ela tinha 15, 16 anos, ela estava trabalhando comigo já, ela foi minha assistente dos documentários. Eu faço documentários policiais, documentários ambientais. E a Cândida era muito responsável, ela com 16 anos foi minha assistente. E aí eu falei, filha, quero te pedir uma coisa. Eu tenho muita dificuldade de trabalhar a questão da memória da sua avó. E que não é só a memória da sua avó que precisa ser trabalhada, mas é a memória do país. E o que aconteceu? Hoje a gente ainda sofre profundamente as desigualdades, as violências, está na raiz do país, mas que teve períodos muito mais fortes, que foi na época da ditadura. E que a gente sofre muito com isso e uma série de questões.

E eu pedi para a minha filha, será que você não pode assumir um pouco essa questão da memória da sua avó? Mas a memória da sua avó não enquanto pessoa, querendo trazer um benefício para ela ou para a família, nada disso, sempre pensando no coletivo. Gostaria muito que você participasse das comissões, que participasse disso,

mas sempre pensando nos coletivos, nos coletivos das pessoas que sofreram. Não para nós, porque o que nós sofremos pessoalmente, a gente já sofreu, já está na carne esse tipo de processo. Então, como você tem esse distanciamento, eu queria que você participasse dessa luta, mas sempre pensando no coletivo das pessoas, no resgate da memória do coletivo. Porque isso, até sua própria avó pensava nas questões de transformação desse país. Então, vamos fazer esse trabalho, faça esse trabalho pensando sempre no coletivo.

Então, eu queria na verdade agradecer, dizer que eu tenho muito orgulho da minha mãe, agradecer todos os depoimentos, meu pai, e agradecer também muito a minha filha, eu também tenho muito orgulho dela.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Bom dia ou boa tarde. Eu quero também agradecer a todas as pessoas que vieram nessa audiência pública. Antes, eu quero falar umas palavrinhas para você e para a Cândida. Mas antes eu quero dar uns avisos aqui. A Marilena Chauí pediu para avisar que gostaria muito de estar aqui hoje nessa audiência pública, porque ela também foi amiga e companheira da Heleny Guariba. Mas ela não pode estar aqui hoje. Então, ela se dispõe a vir em qualquer momento dar um depoimento também. E é bom que a gente esclareça o seguinte, nós temos uma programação de audiências, mas essas audiências podem se desdobrar em outras audiências, podem ser adiadas, duplicadas, eu acho que esse espaço das audiências é para de uma certa forma, recompor a história do país, trazer a memória, a verdade, e fazer justiça a essas pessoas.

Queria dizer também que o Paulo Celestino, ele foi pouco mencionado aqui nessa audiência porque nós, todos os esforços que nós fizemos não foram suficientes para trazer nenhuma pessoa da família ou vinculada com esse conhecimento dele. Mas nós continuamos fazendo os esforços e provavelmente vai ter uma audiência do Paulo Celestino. Talvez em uma próxima audiência a gente consiga trazer familiares, amigos do Paulo Celestino porque ele estudou na Universidade de Brasília, lá tem uma Comissão da Verdade, e nós queremos trazer as pessoas da Comissão da Verdade que

estão investigando lá para trazer as informações aqui e quem sabe se a Marilena Chauí possa vir também para trazer a público, trazer aqui nesse espaço a Heleny Guariba.

Mas então, eu vejo que a Heleny Guariba é uma pessoa, ela cresce todo dia. Cada vez que eu tomo conhecimento, porque ela é uma pessoa que eu não conheci. A minha militância, eu era totalmente clandestina. Então, eu tenho inveja que esse pessoal que foi para o Teatro, que conheceu essa vida cultural mesmo que reprimida do país, porque eu não tive essa oportunidade. Aí quando eu tomo conhecimento da Heleny Guariba nessa luta nossa que são quantos anos, teria que ter muitas mãos para contar quantos anos, eu vejo que essa Heleny Guariba é uma figura que vai crescendo diante de nós, porque era uma mulher do Teatro.

Nós temos pelo menos 56 mulheres mortas e desaparecidas políticas as quais nós temos que estar sempre lembrando. Aqui no Estado de São Paulo nós estamos trabalhando com um universo de 154 casos de mortos e desaparecidos políticos, sendo que 11% desses 154 são mulheres. Talvez aqui tenha mais mulheres do que os outros. Tem Estados que são mais lembrados homens, não tem nomes de mulheres. Então, eu acho que essas mulheres, essa Heleny Guariba se destaca pelo que ela fez pelo Teatro em tão pouco tempo de vida. O que ela fez pelo Teatro nós não vamos ter nenhuma outra, porque todas tem uma dimensão muito grande. Então, quando se fala em cada morto, cada desaparecido, aqui eles se tornam muito grandes. A ditadura ceifou as vidas com um potencial enorme, uma transformação social política desse país. Ela foi uma ditadura muito seletiva. Ela escolheu de quem ela devia cortar a cabeça.

Agora, do Teatro é a Heleny Guariba. Eu acho que o Ministério da Cultura, todo o Estado brasileiro devia trazer, fazer um trabalho, um memorial e trazer a público essa figura e essa participação. Cada um que falou aqui do Teatro, até a Elza Lobo que eu conhecia mais como uma militante política do que como uma mulher do Teatro. São surpresas que a gente tem na vida. E surpresas muito boas. Então, eu acho que tinha que ter um memorial da cultura, e até ter um prêmio da cultura que chamasse Heleny Guariba, que tivesse seminários no meio teatral, no meio cultural, que a Comissão da Verdade do Teatro traga Heleny Guariba como uma figura central, porque essa mulher tem uma contribuição, o Chico sabe quantos anos nós falamos dessa mulher.

Agora, ela cresce a cada momento que eu vejo vocês falando dela.

Agora, Chico, você sabe que você é um filho meu. Então, quando você fala, eu vejo o João e o Chico, vocês podem estar onde estiver, longe de mim, não tem problema, filho é assim mesmo, fica longe, mas eu vejo você falar, eu fico muito emocionada porque meus filhos podiam estar aí no seu lugar também. Você está entendendo o que eu estou falando? Eu podia ser lembrada, mais ou menos lembrada. Mas meus filhos estariam aqui como você e o João. Então, é muito forte isso.

O Chico olha para a cara da gente, tem hora que você chega, olha, não fala, mas eu sinto. É o sentir. É muito forte. A Cândida, o dia que ela apareceu nesse movimento, eu acho que essa menina, eu tenho muito orgulho de ver a Cândida nesse movimento. Eu acho que ela trouxe muita emoção para a gente. Revigorou. Eu sempre falo que a ditadura atinge, antes eu falava que ela atingia três gerações. Hoje eu falo que ela atinge a quatro. Porque ela atingiu meus pais, atingiu minha geração, atingiu meus filhos e agora eu vejo que ela atingiu os netos, que é a quarta geração. A Cândida vive isso de uma outra forma. Ela transforma isso em luta, em política.

E eu aproveito e dou um recado para frente, do esculacho, do escracho, ou popular como chama, faz mais escracho, porque a Comissão da Verdade, se ela não sair para a rua, se não tiver a rua pressionando aqui não acontece nada. E nós temos que avançar, porque o trabalho dessa Comissão da Verdade aqui também é de investigação, também é trazer informações, esclarecer. Então, faz mais escracho. Está faltando escracho popular por aí fora. Não interessa se convida ou não, mas que faça o escracho.

Eu fico muito orgulhosa, quando eu passo na Brigadeiro até hoje o escracho do Homero está lá. Então, está lá a foto da Sonia Morais, do Antonio Carlos Bicalho Lana e do Virgilio, que é os três que ele matou. Eles estão lá no cartaz. Eu acho importante.

A Maria Luiza Benraba que está lá, ela está representando o José Carlos Dias que foi o advogado da Heleny Guariba, então aqui representado, que a gente não tinha mencionado. Então, quero dizer que este mês a gente gostaria de estar falando das mulheres, porque a gente se organizou para isso, para dar ênfase às mulheres. E no dia 25 vai ter uma mesa de debates sobre verdade e gênero com uma pessoa muito importante que estuda isso, uma filósofa, escritora que é a Inês Gebara, e nesse dia nós vamos estar fazendo uma homenagem a Inês Etienne. Porque Inês Etienne é outra figura

que tem a história dela, e ela é a única sobrevivente da Casa da Morte, então ela traz informações que se não fosse por ela nós não saberíamos, por exemplo, a Inês afirma que a Heleny esteve na Casa da Morte, e que se não fosse essa informação, nós não poderíamos ter mais informação dela. Ela desaparece. O que acontece? A Inês fala. Então, aqui tem um trecho do depoimento que a Inês Etienne faz na OAB no Conselho Federal no Rio de Janeiro, ela faz esse depoimento parece que em 1983. Eu vou ler só um trechinho.

‘No mês de julho estiveram na Casa dois militantes da VPR e um da ALN. O primeiro, penso ser Valter Ribeiro Novais, ex-salva vidas de Copacabana. Márcio me informou que o mataram inclusive na época, oito a 14 de julho de 1971, houve uma ruidosa comemoração em virtude de sua morte. O segundo é uma moça que acredito ser Heleny Guariba. Foi barbaramente torturada durante três dias, inclusive com choques elétricos na vagina. O terceiro é Paulo de Tarso Celestino da Silva que foi torturado durante 48 horas por Dr. Roberto Laicato, Dr. Guilherme e Dr. Teixeira, José Gomes e Camarão. Colocaram no pau de arara, deram choques elétricos, obrigaram-no a ingerir uma grande quantidade de sal. Durante muitas horas eu o ouvi suplicando por um pouco de água’. Esse depoimento a gente está reforçando, ele foi lido aqui, ele consta no dossiê de mortos e desaparecidos políticos, mas é importante a gente lembrar que se não houvesse esse depoimento nós não saberíamos por que até hoje o Estado brasileiro não deu nenhum esclarecimento de como foi sequestrada, torturada, assassinada e o ocultamento dos cadáveres da Heleny e do Paulo Celestino. Obrigada.

A SRA. – (inaudível – fora do microfone).

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Tudo bem. Você quer fazer uma encenação, uma fala, um monólogo, o que é?

A SRA. FERNANDA – Eu sou Fernanda, sou da Kiwi Companhia de Teatro, nós estamos com um trabalho também que pretende no mínimo desvelar a história do nosso país para que a gente possa pensar criticamente sobre o país que a gente tem hoje, e a gente trabalha a partir de vários depoimentos de ex-presos e presas políticas e pessoas também que desapareceram. O trabalho chama ‘O morro como um país’ e a gente queria trazer um pequeno trecho em homenagem há esse dia e a todos os grupos de Teatro que é muito importante, que é assim:

‘Quando os presos políticos queriam fazer Teatro, eles o reduziam a uma expressão estática, só falada, sem gestos. A imaginação dos espectadores fazia o resto. O narrador fala baixo. Sua voz apenas mais alta que um sussurro desliza e abarca todo o recinto. Baixa, para evitar que os guardas o escutem. Assim o homem, encostado na parede vai falando, descrevendo. Os outros, os homens sentados no chão têm os olhos fechados e imaginam um cenário, uma situação. A voz que fala agora muda. Começa com eu. Fica mais grave. É outro. Alguns dos sentados, os que imaginam contraem os rostos com a emoção. Quando se abre a porta no fundo do corredor e aparece o guarda da prisão, já no mesmo instante a situação é outra, os homens falam banalidades. O carcereiro não poderá saber nunca que ali, onde quase tudo é proibido, debaixo do seu nariz os prisioneiros estavam fazendo uma obra de Teatro. O guarda sai. O narrador volta a falar então termina a sua fala. Os homens, as mãos dos homens que estavam sentados se elevam e começa um aplauso silencioso, aplauso sem juntar as mãos, apenas abrindo e fechando os dedos das mãos. Altas. Separadas’.

Esse é um trecho do livro do Flavio Kusti em que ele fala sobre diversas formas de resistência nas prisões, e o Teatro era uma das formas de resistência. E o Teatro tem que ser uma das formas de resistência ainda hoje. O Teatro tem que responder ao perigo de uma época. E é isso que a gente tem que fazer. Essa nossa missão mínima. Nossa obrigação.

Parabéns, obrigada pelo depoimento de todos vocês. Obrigada Heleny Guariba. Obrigada Dulce pelo trabalho que vocês fazem no 184 que também é muito importante para a gente. E estão todos e todas convidadas para assistir, estar com a gente também no ‘Morro como um país’.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Pessoal, então eu vou antes de fazer os agradecimentos finais aos familiares, deixa eu só dar uma amarrada em tudo que eu tenho que falar aqui, para não me perder. Primeiro, hoje à tarde aqui a partir das 14 horas nós vamos ter dois depoimentos importantíssimos, a Elza Lobo volta. E da irmã do Ivan, a Ieda de Seixas falando da vida da família Seixas. Então, duas mulheres hoje à tarde ainda nessa programação do mês de março que prioriza a vida e a história das mulheres aqui na Comissão da Verdade.

Segunda coisa é o seguinte, vai ter uma coisa muito importante, além da mudança do nome do Teatro lá do 184, que vai passar a chamar Heleny Guariba. Isso vai ocorrer no domingo, dia 17/03 às 19 horas. E no sábado um trabalho da produção do núcleo da memória, um documentário dirigido pelo Alípio que tem que fazer a reserva pelo, porque têm poucas vagas, eu estava procurando o email de confirmação, às 15 horas e tem que confirmar, o email depois a gente dá.

Hoje à noite, no Centro Cultural São Paulo vai ter um show do Sérgio Ricardo importantíssimo lembrando um show que ele deu na Poli há 40 anos atrás quando da morte do Alexandre Vannucchi e do Queiroz, um show chamado ‘Calabouço’. Evidente que não vai ser só o Sérgio Ricardo, vão ter jovens músicos, cantores, importantes nessa lembrança da memória histórica do assassinato dos dois companheiros da Geologia, o Alexandre Vannucchi e o Reinaldo Queiroz. Hoje à noite no Centro Cultural São Paulo.

E amanhã ao meio dia no prédio da Geologia da USP vai ter uma caravana da anistia relembando o assassinato desses dois companheiros do meio dia as duas, Alexandre Vannucchi Leme e Reinaldo Monte Queiroz, 40 anos do assassinato dos dois.

E na Catedral como ocorreu há 40 anos atrás, na sexta feira à noite às 18 horas, Dom Paulo Evaristo não vai poder celebrar porque foi ele que celebrou a época, mas vai ser o Bispo Auxiliar, o Dom Angelico Sândalo Bernardino vai presidir uma cerimônia ecumênica fortíssima a partir das seis horas da tarde até às 20 horas relembando esse período da ditadura que vai ocorrer na Catedral na sexta à noite das seis as oito.

Para concluir, o filme é às 15 horas lá no Teatro da Dulce, lá no Teatro Studio 184. O telefone é 3259-6940.

A SRA. DULCE MUNIZ – Mas a gente, quem tem o controle das presenças é o Núcleo. Quem ligar para a gente, nós vamos anotar para falar para eles. Mas tem poucos lugares e a gente sabe que houve um tumulto lá em outro dia, então a gente pede para quem quiser ir mesmo, telefona e a gente tenta reservar o lugar.

O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Ótimo. Eu nunca falo na primeira pessoa, mas esses atos do Alexandre Vannucchi e do Reinaldo Monte Queiroz, houve um empenho muito grande em organizar essas duas cerimônias, é a primeira vez que se consegue fazer uma caravana da anistia lá na USP, apesar do Rodas. E vai ser uma comemoração muito forte. É o rompimento do silêncio da ditadura, que lá na USP nem se conseguiu formar uma Comissão da Verdade até agora tais as dificuldades. E lógico que na Catedral vai ser um ajuntamento importante e a gente está esperando reunir mais de mil, 1500 pessoas como um protesto ainda por conta dessa situação da ditadura não estar sendo revelada, não estar sendo punida e os ditadores estão impunes. Então, agradecemos a presença de todos vocês. Chico, Candinha, companheiro, belíssimo depoimento, Elza Lobo, Dulce, a outra netinha, Olívia, e todo mundo que se dispôs, os atores que vieram aqui. Então, tem gente que acha que cultura não faz a revolução, só conta a revolução. Esse é um grande equívoco da história. Sem cultura, sem ideologia, sem sentimento o mundo não se transforma. Viva a revolução, viva o Teatro, viva Heleny Guariba!

* * *

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Comissão da Verdade do Estado de São Paulo. Audiência com depoimentos de mulheres sobreviventes. São Paulo, 14 de março de 2013, Auditório Teotônio Vilela. Instalação. Está instalada a 22ª Audiência Pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, no dia 14 de março de 2013, Assembleia Legislativa, Auditório Teotônio Vilela para oitiva de depoimentos de mulheres sobreviventes, Elza Lobo e Ieda Seixas.

Antes de constituir a mesa eu só queria pedir para dar oficialmente. Podemos ficar aqui nesse canto, para efeito de gravação? Podemos ficar? Elza, senta aqui. Ieda, vem para cá.

Antes de começar os depoimentos eu queria dar uma notícia que é importante, que se conceitua na literatura no campo que nós estamos trabalhando como sítios da memória. Então ontem o Governo Federal, através do Serviço de Patrimônio da União, divulgou a seguinte nota, transcrita pelo jornalista Bruno Paes Manso: O prédio amarelo e marrom de arquitetura eclética, que por 72 anos abrigou o Tribunal da Justiça Militar, na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, zona sul de São Paulo, vai receber o Memorial dos Advogados e Presos Políticos contra a censura, além de funcionar como sede das Comissões Nacional e Estadual da Verdade. Durante a ditadura militar, no local foram julgados o Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a atual, Dilma Rousseff, além de ser palco de inúmeros episódios da história política brasileira. Há dois anos, o imóvel, que pertence à União, aguardava a definição de seu destino. Os moradores da Bela Vista pediam para que ele fosse transformado em uma Companhia da Polícia Militar. A Superintendência do Patrimônio da União chegou a oferecê-lo para a Guarda Civil Metropolitana.

No fim de fevereiro, o prédio chegou a ser invadido por movimentos sociais que cobravam uma definição sobre o destino do edifício. Tivemos na sexta-feira uma reunião com o prefeito Fernando Haddad, que liberou o imóvel para ser cedido à Comissão da Verdade, disse a superintendente do Patrimônio da União em São Paulo, Ana Lúcia dos Anjos.

O Deputado Adriano Diogo, Presidente da Comissão Estadual da Verdade, comemorou a decisão. Agora só falta o prédio do DOI-CODI, disse, em referência aos fundos do 36º Distrito Policial, no Paraíso, zona Sul, um dos centros de tortura durante a ditadura militar. A Comissão da Verdade também quer transformar o prédio em um museu, como já aconteceu com a antiga sede do Departamento de Ordem Política e Social, DOPS, próximo da estação da Luz, no centro. Absurdo. Quem não gostou da decisão foram os moradores da região que brigavam para ter uma base da Polícia Militar atuando na área. Eles afirmam que há muitos furtos e roubos na região, por causa da grande quantidade de universidades nos arredores. Os estudantes são muito visados. A comunidade queria uma base da PM para aumentar a segurança do bairro, afirma o vice-Presidente do Conseg, Flávio Guarniero. Ainda bem que o Bruno Paes Manso tem juízo e pôs como subtítulo, absurdo.

O Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, OAB-SP, Marcos da Costa, afirma que o memorial será fundamental para contar a história da luta pelos direitos. Ainda estamos discutindo como montaremos o memorial, mas mostraremos fatos que ajudam a saber mais sobre a cidadania no Brasil.

Então acho que é um importante passo para a democracia e para contar a história que essas mulheres vão contar hoje aqui, a Elza Lobo e a Ieda Seixas, irmã do nosso companheiro Ivan Seixas. Ainda para terminar eu quero dizer o seguinte, quem quiser assistir o filme que o Alípio fez junto com o núcleo da memória pode confirmar pelo endereço eletrônico andresa@pjsp.org.br ou contato@nucleomemoria.org.br. Sem mais delongas, vamos passar aos depoimentos das nossas companheiras. Quem começa? Elza? Vamos lá. Com a palavra, Ieda Seixas.

A SRA. IEDA SEIXAS - Meu nome é Ieda Axelrud Seixas. Eu sou filha de Joaquim Alencar de Seixas e Fanny Axelrud Seixas. No dia 16 de abril de 1971, eu a minha mãe e a minha irmã fomos presas à noite na casa onde morávamos. Meu pai e meu irmão, o Ivan, porque eu tenho mais um irmão chamado Irineu, que é o caçula...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Dá uma água para ela.

A SRA. IEDA SEIXAS – Que raiva. Eu não sou assim. Estou com raiva agora. Bom, nós fomos as três, meu irmão foi levado para minha casa, o Ivan, ele estava ensanguentado, andando com dificuldade, algemado, aí nos prenderam. Eu ainda, não por coragem nem por nenhum tipo de bravura, eu tentei resistir, tentei pegar uma metralhadora que estava acima do sofá, em ato de loucura, porque eu não estava normal. Eu realmente, na hora da prisão eu acho que eu saí do ar. Aí nós fomos levados para o DOI-CODI, onde eu fui separada da minha mãe e da minha irmã, fui levada para um banheiro, primeiro fui interrogada, eu não estava normal. Aí me trancaram em um banheiro que era um banheiro cumprido, que tinha uma pia, o chuveiro em cima da pia e um vaso sanitário, e depois uma cama que era só uma tela com um cobertor em cima. Ai eu fiquei ali, entravam homens toda hora, uns davam tapa na cara, pegaram, tiravam o cigarro da minha mão ou, enfim, de repente eu ouvi gritar assim, traz o Ivan, todas as luzes se apagaram do prédio e uma rajada de metralhadora e eu ouvi os gritos da minha mãe, naturalmente. Depois eu fiquei nesse banheiro, aí de repente entraram acho que entraram uns 10 homens, eu não lembro o nome de todos, mas, com certeza eu lembro o nome de um que é Davi dos Santos Araújo, foi um Delegado de polícia, conhecido lá como capitão Lisboa, como, ele tinha vários nomes. Era um sujeito asqueroso, parecia um ogro, de chapeuzinho assim. Ele usava um maldito chapéu. E aí eu estava sentada nessa cama, aí um outro sujeito sentou aqui do meu lado e começou me pressionar e ele daqui me pressionou também, tirou o sapato e ele abusou sexualmente de mim. E o meu desespero foi muito grande que eu pedia para ser torturada. Uma coisa meio estúpida, eu dizia, me dá choque, mas não faz isso comigo. Aí aquilo durou algum tempo, depois me tirar, de madrugada, já estava amanhecendo o dia, um carro também cheio de homens, eu também não sei o que eles queriam nem aonde eles me levaram. Eu fiquei sabendo depois que me levaram para o Parque do Estado, que parece que era o estradão, o famoso estradão do esquadrão da morte. E me causou um medo pelo seguinte, porque

eu não tinha noção de onde eu estava e eu achei que iam me matar. O meu irmão foi levado em um outro carro, uma hora eles pararam acho que para tomar café, não sei o que, em uma banca de jornal, e eu vi estampada a notícia da morte do meu pai. Mas, cabe salientar que meu pai estava vivo ainda. Noticiaram a morte do meu pai no dia 27 de manhã, mas o meu pai só foi morto no 17 a noite. E durante todo esse tempo que eu estive dentro desse carro, novamente esse Davi dos Santos de Araújo, porque tinha um que me pressionava, me imobilizava com o corpo, e o Davi dos Santos de Araújo novamente abusou de mim. Depois, bom, enfim, voltamos para OBAN, estar na OBAN não precisam botar a mão em você, porque eu tenho os gritos na minha cabeça até hoje, porque a sala que as mulheres ficavam, a cela, eram duas celas, eram duas salas improvisadas, em cima ficava a sala do pau. Uma vez, que não precisa descrever aqui, acho que outras pessoas já fizeram, o cotidiano da Operação Bandeirante, do DOI-CODI. E eu não sei até hoje por que é que eu fiquei um ano e meio presa e fiquei quase um mês, 27 dias na Operação Bandeirante se eu nem era militante, eu era apenas filha do meu pai.

Aí um dia chegaram para nós e disseram, estava eu, a minha irmã, a Tania Maria Mendes, uma jornalista da Ala Vermelha, e uma moça chamada Beatrice, que eu não sei o sobrenome e nem sei quem é porque essa mulher era uma figura muito estranha, ela era militante, eu não sei como é que aquela mulher apareceu.

Na outra cela estava a minha mãe, a Joana D'Arc Gontijo, a Márcia Neli e tinha mais umas duas meninas do Espírito Santo, a Pedrina e a Maria Helena, que eram mulheres, uma mulher do Henrique e a outra mulher do Rei, Dimas Antônio Casemiro. Aí eles chegaram e disseram assim, Pedrina, Maria Helena e Fanny para trabalhar na cozinha. E eu e a minha irmã, na mesma hora, assim, óbvio, porque nós não iríamos permitir, porque eles queriam, a gente viu naquilo um ato de querer quebrar a minha mãe, porque a minha mãe era mulher do Joaquim Alencar de Seixas, que eles mataram, porque eles tinham uma gana, não sei até hoje por que, que eles queriam humilhar. Então nós duas dissemos, nós vamos. E sem que nada tivesse sido falado. Foi um troço absolutamente espontâneo, a Tânia Maria Mendes, a Joana Gontijo e a Márcia Neli, nós também. Então nós fomos para a cozinha. Eu falo questão de registrar isso porque eu sei que para muita gente da esquerda pode constar que nós estávamos colaborando, mas nós não estávamos colaborando. Foi uma atitude política porque ou a gente fazia assim ou a

minha mãe, a Maria Helena, a Pedrina iam apanhar e iam acabar tendo que ir. E nós aproveitamos essa situação para o que? Para começar a mandar comida, porque vocês devem saber muito bem, se vocês não sabem, é o seguinte, a hierarquia da comida eram os oficiais, Delegados, toda a rapinagem, os cachorros, as mulheres e depois vocês. E nós começamos a esconder comida. A comida chegava à gente escondia ovo, carne, que todo mundo estranhou quando começou a comer carne. Foi uma atitude política. Pode constar para o resto da esquerda que a gente estava colaborando, mas eu faço questão de esclarecer isso. E em uma das vezes quando a gente estava nessa cozinha...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você sabe que uma vez, eu não queria nunca interromper, mas essa, vocês sabem que uma vez eles chegaram com um latão, eu estava lá fora, eles puseram o cachorro para comer a nossa comida antes no latão.

A SRA. IEDA SEIXAS – Mas era isso mesmo. E tinha uma coisa, aqueles bestas, tinha um sujeito que enfiava bife no bolso e a ordem era essa, para servir assim, os oficiais, os Delegados, depois vinha à rapinagem menor, depois os cachorros, depois as mulheres e vocês eram os últimos. Então a gente resolveu assim, os caras tem que estar fortinhos pelo menos para apanhar mais forte. Então a gente levava ovo, fruta, escondíamos, que não era permitido. Isso era uma coisa para vocês, não era para ir carne e nem ovo. A gente botava embaixo do arroz carne e ovo. Mas a atitude política era o seguinte, ou a gente cedia indo para cozinha ou ia apanhar todo mundo e ia para a cozinha de qualquer jeito. Ou não? Aí, quando nós estávamos na cozinha...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A Maria Mendes qual que era?

A SRA. IEDA SEIXAS – A Tânia Maria Mendes era uma jornalista da Ala Vermelha. A mulher do Fernando Marcelo. E a outra é a Márcia Neli, não sei, não me lembro do sobrenome dela. Ela é uma professora de Geografia que mora agora em Minas Gerais.

Aí uma das vezes, quando nós estávamos na cozinha, chegou preso, quem conhece, lembra da Operação Bandeirante, você tinha algumas alternativas de entrar direto ou então entrava e sentava em um bendito banco bem perto da cozinha. E ali tinha um menino sentado que eu acredito, ele era extremamente franzino, um garoto louro, de cabelo muito claro, estava extremamente assustado, claro, e ele estava assim com uma camisa de manga social, e eu me lembro do detalhe que ele dobrou aqui a manga, a manga era dobrada assim, mas ele era muito franzino. Eu olhei para ele e falei assim, esse menino deve ter uns 13 anos. Ele devia ter mais, é claro. A Joana teve a oportunidade, chegou perto dele e perguntou se ele queria água. Ela não atinou, nem ele falou o nome nem nada. Claro que deram um safanão na Joana e levaram o garoto e os recolheram imediatamente. Porque uma das tarefas nossa era lavar louça, mas nesse dia não mandaram lavar louça. E aí começaram a torturar esse garoto e por volta, sei lá, de umas duas e meia, três horas da tarde, e ele foi torturado até o anoitecer. E ele morreu. E eu não sei quem é esse garoto. Eu não sei. A única referência que eu me lembro de falarem qualquer coisa Santos, mas eu não sei se era a cidade, se era o sobrenome, e esse garoto só dia, pelo amor de Deus, eu não sei do que é que vocês estão falando. E aí ele foi torturado, de repente silenciou e um dos diabo lá falou assim, uma coisa como, não é se excedeu, eu vou usar uma expressão chula, deu merda porque não era para acontecer isso. Aí eles apagaram todas as luzes e a gente ouviu descendo as escadas e jogaram o corpo do garoto em uma perua, lá naquelas C14. Depois as luzes foram acesas e um, eu não sei o nome verdadeiro do sujeito, um tal de Major Edgar, apareceu lá, abriu a porta e perguntou assim, e aí, como é que estão as coisas? Uma pergunta absolutamente imbecil, mas ele costumava fazer. E a gente começou a falar, nós estávamos assustadas, ele disse, não, isso nunca existiu. Vocês estão loucas. Nunca existiu. Ele queria nos convencer que nós, sete mulheres, se fizer a conta talvez seja

mais, não tínhamos ouvido nada. E eu não sei quem é esse garoto. Eu já tentei, agora me ocorreu que eu procurei na documentação, quando a Luiza Erundina era prefeita ela conseguiu para a gente os livros tudo de Perus. Mas esse garoto pode estar enterrado em Quarta Parada, Vila Formosa. Eu não sei quem é esse garoto. Não sei. Não tem a menor, e eu fico assim, alguma família está procurando por ele, mas eu não sei, realmente não, e para todo mundo que eu pergunto todo mundo diz que não sabe quem é. O que é que tem Santos com isso também não sei. Se era José dos Santos ou se era cidade de Santos ou coisa que o valha, eu não sei realmente.

Depois desse, eu estou colocando essa questão desse garoto porque eu acho que cabe, de qualquer maneira, vocês talvez tenham mais condição, de investigar quem é essa pessoa. Porque não e, ele era um menino do biótipo desse moço aí, só que o cabelo dele era louro. Louro, louro. Clarinho mesmo. Um sujeito branquinho, mais franzino. E eu não sei, esse garoto acho que foi torturado durante umas duas ou três horas, de repente ele apagou. E os caras disseram, houve excesso, deu merda, enfim, mataram o garoto e ele desapareceu, porque ele não foi levado lá junto com os homens. Não. Ele desapareceu. Ela não saiu com as perninhas dele, ele desapareceu.

Depois da Operação Bandeirante, aí nós fomos levadas, eu e minha irmã primeiro, para o DOPS, onde nós ficamos, eu fui para o DOPS eu acho que dia 10 de maio, uma coisa assim, eu acho que foi isso, e aí nós permanecemos até nove de julho.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você sabia o que tinha acontecido com o eu pai já?

A SRA. IEDA SEIXAS – Não. Aí é que está. Eu só, exatamente, porque é o seguinte, eu vi a notícia da morte do meu pai, depois eles nos tiraram a mim e a minha irmã, enfim, para procurar a casa do Rei e aquelas coisas todas, depois a gente trouxe, voltou, quando a gente voltou para o DOI-CODI a minha irmã não ficou mais com a

minha mãe, foi trancada no banheiro lá em cima comigo. E eu me lembro que tinha uma cama, de repente montaram uma cama, e a gente entrou no banheiro, estava bem perto da porta assim, aí eles vieram com um copo desse tamanho com leite morno, e eu não gosto de leite morno, e eles me obrigaram a beber. Era um leite extremamente doce. Eu tenho essa sensação até hoje, era um copo grande, toma tudo. E eu me lembro assim da mão do sujeito falando isso, depois eu apaguei, não lembro mais nada. Eu só acordei no outro dia com uma sensação de estar muito relaxada. Eu levei anos para entender que eu fui dopada, porque não tem outra explicação. Um leite com açúcar não vai te fazer isso. E eu acordei no outro dia assim espreguiçando, sem saber onde eu estava, e eu me lembro do tal de Major Edgar entrando e perguntando como eu estava, eu e a minha irmã. E as duas, assim, sabe, a gente caiu do caminhão naquela hora. Depois eles nos tiraram de lá e nos levaram para baixo, para uma sala que ficava uma sala aqui, a vizinha, uma outra cela aí nos levaram, aí veio, ficamos ali e nos não sabíamos, a minha irmã me contou, porque quando ela voltou da história da queda do Rei ela se abraçou na minha mãe e ela não sabe até agora, ela não sabe inglês, mas, por que ela falou, the father is dad, porque ela tinha visto a notícia também. Até hoje ela não sabe, ela nem fala inglês, mas por que é que ela falou isso. E a minha mãe disse, eu sei. Eu vi. E eu não vi. Eu suponho que a gente tenha sido dopada que foi a hora que retiraram o corpo do meu pai, porque esse banheiro ficava bem no banheiro da sala do pau. A minha mãe é que presenciou, porque ela ouviu a tarde inteira ele ser torturado, e isso te, qualquer, a Joana D'Arc, a Pedrina, qualquer uma delas vai lembrar desse fato porque elas estavam lá, e ela dizendo, esse é o meu marido. E ela depois presenciou quando jogaram o corpo dele na C14, com a cabeça envolta em um jornal, porque tinha muito sangue, e ela reconheceu, e ela viu um tira perguntar para o outro, de quem é o presunto? É do Roque. Mas eu não vi o meu pai morto. Efetivamente não vi.

Depois nós fomos tomar, eles inventaram um banho de sol no meio dos carros ali, e eu não lembro, eu tenho lembrança só do banho de sol, mas a Tânia Maria Mendes lembra que cantamos o Hino Nacional ou o Hino da Independência, eu não tenho a menor ideia disso. E aí a gente comentou, ela disse, não, o pai foi morto assim, assim, assim, porque ela ouviu tudo, viu, ouviu e viu quando jogaram o corpo dele. E eu volto a dizer, o DOI-CODI não era só uma questão de você ser torturada. Era, o que você presenciava e o clima. Os gritos ficam na sua cabeça, não tem jeito. Não precisa botar a

mão em você. Você fica ali e você tem uma coisa de, que eu ainda digo para a Tânia Maria Mendes, ainda bem que você foi presa, porque houve uma afinidade entre nós três que é uma outra moça, a tal de Beatrice, que era uma belga, que eu não sei o que é que fazia ali. A mulher era, ela queria nos enlouquecer e era louca ao mesmo tempo. Uma pessoa estranha. E ela era anticomunista, ela não sabia por que é que ela estava ali. Eu não sei até hoje. Mas, enfim, a gente para manter a sanidade mental, porque se você não tentar manter a sanidade mental você entra na dos caras. Você vai, você entra na loucura. Então nós cantávamos, mesmo sendo proibido, e é uma coisa estranha, porque para quem não passou, mas no centro de tortura você cantar. A música tinha uma importância muito grande para a gente porque, quando o Merlino estava sendo torturado, na hora que parava a tortura o Paulinho Vannucchi e o Ivan disseram assim, começaram a cantar a internacional. E sempre foi uma coisa quase que instintiva essa coisa de cantar para sinalizar para quem está sendo torturado, estamos contigo. Não na hora que o cara estava gritando, mas na hora que, era quase que um sinal de, você não está sozinho. Porque eu acho que a questão da solidão nessa hora é muito importante. Se sentir sozinho nisso é terrível.

Então a gente fazia jogral com revista de fotonovela velha, cada uma dizendo uma frase que não tinha sentido, para poder manter a sanidade mental, que isso quem passou por lá sabe muito bem, é ou não é, Dona Elza? A senhora primeiro foi jogada em um buraco não é? A senhora não tinha, quando você tem uma outra pessoa que você chega na cela e a outra pessoa te consola ou diz estou contigo, ou bota, como a Marlene Sócrates, que a portuguesa descascou uma bergamota e tirou toda pele, porque ela não conseguia beber por causa do choque na língua, ela botava dentro da garganta para a Marlene poder se hidratar. Então isso tudo é muito importante.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O Ivan, vocês sabiam dele?

A SRA. IEDA SEIXAS – O Ivan, sabia. Sabia que o Ivan estava do outro lado. E tem uma coisa, assim como tem a história de quem matou Odete Roitman, tinha a história de quem matou o maldito (ininteligível). Eu não sei, não conheço, não sei quem foi. Então eles mataram meu pai, mataram o Rei e disseram que foi o Rei, aí eles queriam arranjar, porque tinha um número que eles disseram lá e eu não sei quantas pessoas. Devia ser cinco ou seis que estava faltando. Então eles cismaram que tinha sido o Ivan, então começou uma pressão, e eu vou esclarecer, quando você é preso sozinho a história é uma, quando você é preso com a família você está danado, porque você não cuida de você, é ou não é, Amelinha? A Amelinha sabe. Porque eu tinha minha mãe, minha irmã, o Ivan, meu pai já tinham matado, eu não tive tempo de chorar a morte do meu pai, mas aí tinha a história, então traziam o Ivan, o tempo inteiro a pressão era o seguinte, não sei o que não sei o que vão matar a tua mãe e o teu irmão. E a minha mãe também, e a coisa pode parecer maluquice, eu do alto dos meus 65, minha mãe tinha 53, mas ela era de uma outra época. Ela era uma pessoa doente, ela tinha 28 de pressão, certo. Tanto que os vagabundos lá chamavam ela de dona. Irônico. Menos o Brilhante Ustra que chama minha mãe de velha assassina. Então a pressão era o seguinte, eu via o Ivan, mas era sempre naquela pressão do seguinte, olha, é melhor vocês falarem senão não sei o que com o Ivan. Melhor vocês falarem senão não sei o que com o Ivan. Então, desde contar piada ou falar coisa que não tinha nada a ver a gente fez para poder desviar o foco. Porque eles cismaram, e eles sabiam que o ponto fraco era o Ivan, porque o Ivan era um menino e eu e a minha irmã eu tenho certeza que eles sabiam que nós não éramos militantes. Eu sou comunista de carteirinha desde que eu nasci. Eu fui criada, o vovô Stalin estava ali na parede, mas eu nunca militei em organização alguma, nem no Movimento Estudantil. Não militei porque eu vim para cá militar e me prenderam, também eu não posso fazer nada.

Mas tinha uma questão, eu acho que devia ser atávica porque, em relação ao meu pai, porque meu pai foi torturado durante dois dias, o atestado de óbito, toda documentação consta que ele morreu no dia 16, mas ele não morreu no dia 16. Ele morreu no dia 17. Agora por que também não me pergunta porque eu também não sei a lógica da repressão. Nunca vou saber. Nunca. E o Ivan parecia muito nessas situações, traziam o Ivan para dar uma, como dizem os malandros, para dar uma congesta na gente para ver se a gente falava alguma coisa. Mas eu não sabia. A minha irmã chegou a fazer

um raciocínio absolutamente maluco, os caras chegaram, acuaram ela em um canto assim, ela não lembra, acho que uns sete homens, agora você vai falar, agora você vai falar. E ela disse, o que é que, porque a minha irmã tinha um comportamento diferente do meu, eu fiquei louca, então eu gritava, ela disse, falar o que? Quem matou o (ininteligível). Ela disse, vamos raciocinar, vocês disseram que era cinco, eu sei lá se eles disseram. Então ele fez um raciocínio que do RNT só podia ser porque a organização era pequena, o resto devia ser tudo da ALN. Ela não conhecia ninguém da ALN, então não tinha compromisso. Aí eles disseram, ah bom. Para parar de, porque a pressão toda era em cima da coisa do Ivan, porque eles queriam porque queriam que o Ivan tivesse feito sei lá o que. Ele não matou Jesus e coisa que o valha. Ele é só judeu, mas não matou Jesus.

Bom, eu acho que a OBAN, o DOI-CODI é isso e quem passou por lá sabe que, e eu não sei até hoje, volto a dizer, não era militante, por que é que eu permaneci tanto tempo no DOI-CODI. 20 e tantos dias. Não chegou a completar um mês, porque eu fui presa dia 16 de abril, dia 10 de maio eu fui para o DOPS. Quer dizer, eu fiquei 20 e tantos dias. Mas, quem era eu? Eu não era nada no frígir dos ovos. Não tinha importância. Eu não sei, eu acho que eles acharam, por eu ser universitária, filha de quem eu era, a minha família do lado da minha mãe tem a mania de lutar contra a ditadura porque tem tia que cumpriu dois anos no Tiradentes, tio que ficou durante totó o Estado Novo ficou preso na Ilha Grande, enfim, Fernando de Noronha. É que a família decerto tem mania, por isso, porque não tem lógica eu ficar, nem eu nem a minha irmã, um ano e meio presas para depois ser absolvida por falta de provas e a minha irmã, o que é pior, por não provado crime. Como é que alguém fica um ano e meio preso se não conseguiram provar que tinha crime? Isso é que é pior.

Depois nós fomos para o DOPS, onde a gente ficou do dia 10 de maio até nove de julho, aí, estando no DOPS eu vi, outra pessoa desapareceu, não sei quem é, uma madrugada, eu vi duas coisas que eu acho que cabe anotar. Primeiro lugar prisão do tal cabo Anselmo, eu vi. Ele passou no corredor, quando ele me viu ele se fingiu de quebrado, e eu conhecia ele da televisão, dos comícios dos marinheiros. Falei para todo mundo dentro da cela, mas eu acho que ninguém prestou atenção no que eu falei. Isso eu vi. Depois ele desapareceu porque é muito estranho, tem umas coisas que a prisão, o DOI-CODI era uma coisa, o DOPS a gente, a não ser quem fosse preso pelo DOPS,

você quando ficava lá embaixo, lá na geladeira, você tinha maneira de manobrar algumas coisas. Por exemplo, quem ficava no corredor, que eram dois presos políticos que ficavam acendendo o cigarro da gente, a relação com alguns carcereiros, que é estranho, você esteve lá, vocês estiveram lá, sabe que é estranho, sei lá, o seu Maurílio, o Adão, tinham caras que a gente estabelecia uma relação melhor. Então cada vez que chegava alguém que era levado para o fundão a gente dava um jeito de pedir para alguém ir lá no fundão para ver quem era. E tinha forma de saber. Esse cabo Anselmo foi naquele dia, eu pedi, e sumiu, sumiu. E um outro homem, que era um rapaz negro, um cafuso talvez, mestiço, alto, magro, eu lembro do cabelo dele, e ele passou muito quebrado e levado para o fundão. Nesse dia quem estava de guarda no corredor era um cabo da PM de cabelo grisalho que ele era harpista, tocava harpa. Uma figura completamente diferente de tudo. Ele chegou para mim na cela e disse assim, vocês têm Deserol? Porque era o relaxante muscular da época. Ele disse, o que fizeram com esse rapaz não tem sentido, eu não me conformo, não sei o que. E levou. Eu disse, então pergunta quem é. Ele voltou e se ele disse o nome do rapaz eu não lembro. Realmente eu acho que a minha memória ainda está muito boa, mas tem coisas que eu bloqueei. Só que ele era do PRT. Isso eu guardei. Eu já falei com a Lenira, era um homem alto...

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – O Manezinho?

A SRA. IEDA SEIXAS – Não. Era um homem alto. Manezinho era um anãozinho como eu. Não, não era o Manezinho não. É um homem alto, a Lenira acha que, pela descrição física, que é um cobrador do Sindicato dos Motoristas, enfim, de ônibus. Ela acha que é esse até, porque eu não sei quem era. Se ele disse o nome eu realmente, ele deve ter dito, mas eu, ele desapareceu. Ele apareceu nessa noite, quando foi no outro dia, que esse soldado veio pedir o Deserol, no outro dia o Waldemar Andreu foi até o fundão para ver quem era, já não tinha mais ninguém lá, ele

desapareceu. Então eu suponho quer esse moço seja esse cobrador de ônibus, mas ele desapareceu também.

Aí a gente permaneceu no DOPS até o dia nove de julho, fomos levados para o Tiradentes, aí no Tiradentes nós ficamos uma semana, quando chegou na, vocês podem achar que eu tenho mania de perseguição, paranoia, mas, é o seguinte, no DOPS foi quebrada nossa incomunicabilidade de maneira mais surreal, uma prima do meu pai conseguiu quebrar a nossa incomunicabilidade. Ela iria nos visitar no outro dia e eles nos retiraram e nos levaram para o Tiradentes. Chegando no Tiradentes, nós chegamos em uma terça ou quarta, sei lá, então tinha quinta e sexta nós receberíamos visita no sábado. A Edite foi até a Tiradentes e a Maria Antônia, que era chefe da carceragem permitiu que ela se avistasse com a minha mãe meia hora porque não tinha autorização, nós estávamos incomunicáveis ainda. Então ela disse, eu vou à Auditoria Militar para pedir autorização. Aí na sexta feira à noite nos tiraram da, eu acho que era sexta. É. Nos tiraram do Tiradentes e nos levaram para o DOI-CODI não dizendo o que ia acontecer com a gente. Foi à noite que a gente chegou lá e o Luiz Eduardo Merlino estava sendo, tinha sido preso e estava sendo torturado. Ele foi torturado a noite inteira e no outro dia de manhã ele não estava, a pernas deles, ele não conseguia mais andar.

De lá nós fomos levados para o Sul, e cabe salientar de novo, é tudo diferente. Nós éramos sete presos e não tinha nenhuma ligação entre nós, à exceção eu, minha mãe, minha irmã e o Ivan, o resto eu não conhecia o Job que era do MRM, não conhecia o Diniz, que era da Ala Vermelha, o Jorge Abraão, que parece que era do MRT, mas eu não conhecia e tinha um menino que eu não sei de que, Raul qualquer coisa, que é do Rio Grande do Sul, eu nunca sei se é o Pontes ou o outro. É um dos dois Raul, que também estava junto.

A SRA. AMELINHA TELES - (ininteligível: 00:37:38).

A SRA. IEDA SEIXAS – Não tenho noção. Eu não conhecia a AP. A minha irmã, quase deram uma pancada na cabeça dela, perguntaram se ela tinha AP. Ela falou, eu morava em apartamento. Porque a gente não sabia nome de organização nenhuma. Ela dizia, eu não tenho, eu alugo, certo. Não é brincadeira, é verdade isso. E a gente conhecia no máximo a ALN e VPR, que a gente sabia que existia. Aí nós fomos levados, e para se levar esses sete presos era, foi toda cúpula do DOI-CODI, inclusive o senhor Carlos Alberto Brilhante Ustra, todos, fardado ainda. Ele foi fardado. Todo becado. E toda cúpula do DOPS menos o Fleury. O único que não foi o Fleury. Mas todos, Carlinhos Metralha, os Fini, todo mundo. E nós éramos só sete presos, sendo que eu, a Iara e a minha mãe nós éramos muito fria, a gente não tinha nada. Eles já tinham matado meu pai, tomado tudo que era nosso, porque nós estávamos com a roupa do corpo, foi assim que nós saímos da cadeia, nós saímos sem casa, sem nada, sem dinheiro, sem coisa nenhuma, com a roupa do corpo. Foi isso. Ganhamos algumas peças na prisão, que as pessoas deram, mas a gente não tinha nada. Não tinha mais nada. Não tinha militância. E nós fomos levados para o Sul. Suponho, isso depois de muitas conjecturas, que tenha sido uma reunião que desceu a cúpula da repressão para discutir a questão da Operação Condor, porque foi bem na mesma época que ela foi criada, o Delegado do DOPS de Porto Alegre ele estava por fora do que estava rolando, porque ele perguntava apara a gente, o que é que vocês vieram fazer aqui? Bom, eu não vim aqui. Me trouxeram.

Ficamos 60 dias em uma cela improvisada, porque era um corredor, então eles botaram umas madeiras assim e fecharam e botaram porta. Eram três celas, a nossa, e o espaço era exíguo demais e era, tinha um beliche aqui, você não podia dormir na parte de cima porque a lâmpada de 200 ficava na sua cara a noite inteira porque aquilo era um corredor do departamento de uma coisa pública. Então eu e minha irmã dormíamos aqui e tinha uma caminha de armar da minha mãe. Eu, por conta disso, porque era um colchão de crina, duro assim, eu de ficar sentada em posição de lótus, vamos chamar assim, com as pernas cruzadas em cima daquela coisa, eu tive prolapso do reto. Meu reto saiu para fora pelo fato dessa posição e da coisa ser dura. Para o banheiro, não tinha, naturalmente. Para a gente ir ao banheiro a gente precisava de escolta, a gente saía e era o banheiro público que a gente ia. E ali tinha que ter um guarda na porta para a gente usar o banheiro. Era assim que era. Era tudo muito estranho. E nós ficamos 60

dias lá, foi quando caiu o pessoal do POC, foi quando a gente viu de novo toda a coisa da tortura. Por quê? Nós já estávamos no Tiradentes a gente já estava assim mais livre dos gritos, e aí prenderam todo o POC. Todo. Eles trouxeram as pessoas de ônibus. Não é brincadeira. E o estranho da história é o seguinte, a minha mãe, Luiz Heron, irmão do Carlos Franklin da Paixão, que foi marido da Dilma, ele estava preso na cela vizinha, aí ele foi ao banheiro, depois ele voltou e a gente conseguia se comunicar porque, era tudo muito louco, tinha um beliche, então ele subia no beliche por cima da tábua ele falava com a gente. Ele disse assim, o Hélio Minuto, que é um sujeito do Partido Comunista Brasileiro, que é conhecido, ele está aí na carceragem. Minha mãe falou, não é possível. E ele tem uma característica porque ele é deficiente físico, ele usa uma bota, usava, deve ter morrido já, usava uma bota de não sei quantos centímetros. A minha mãe foi, e quando a minha mãe voltou ela disse assim, se o Hélio Minuto está aí é porque vai cair gente. E eu não estou fazendo juízo de valor, estou só contando um fato. Foi dito e feito, poucos minutos depois passou aquele, foi um ônibus, eles prenderam gente de ônibus. Foi muita gente presa pelo POC.

Aí nós ficamos acho que cerca de 60 dias lá, no final da história nos fizeram fazer um depoimento de próprio punho para poder constar do que se tratava. Nós fizemos o depoimento de próprio punho, não tinha nada para contar, eu não tinha nada a ver. Depois nós voltamos para São Paulo, aí ficamos no Tiradentes, aí teve greve de fome, sempre tem as peripécias, teve uma greve de fome da qual eu me arrependo de ter feito porque os homens tiveram uma atitude muito machista, a Márcia Mafra que me lembrou isso, porque eu fiz, não era meu irmão, mas eram os companheiros, eles decidiram terminar a greve sem nos avisar e nós isolados, porque tinha uma parte na penitenciária e outra parte no Hospital Militar, eu estava no Hospital Militar ali no Cambuci porque eles acharam que eu estava muito fraco, enfim, aí houve essa greve de fome, aí nós fomos todos para a penitenciária, ficamos na penitenciária, que aí é um outro tipo de experiência muito louca porque a penitenciária feminina era assim, ela era administrada pelas freiras, e é uma coisa maluca aquilo, não sei se hoje ainda é, para o lado que você olhasse tinha uma pessoa te olhando. Sempre tinha uma carcereira. Não sei quantas mulheres que eram. Era uma coisa maluca, a gente olhava assim, vãos para não sei onde, estava a mulher ali. Mas nos respeitaram, nos respeitaram as freiras nos

respeitaram, permitiram que a gente ficasse juntas, porque presa comuna não ficava junta por causa das brigas, do homossexualismo, sei lá do que.

Enfim, aí depois a gente voltou para o Tiradentes, quando nós saímos nós só tínhamos a roupa do corpo, como eu já disse, e não é força de expressão, é literal, só tínhamos a roupa do corpo. Aliás, para ser verdadeira, porque nós pedimos na OBAN para que trouxessem roupa para a gente, e eles trouxeram casaco de pelo de chinchila da década de 40, mas não trouxeram nem um vestido, nem uma calcinha. Esse casaco de pele era de uma prima rica da minha mãe, naturalmente, porque meu pai era operário, não tinha dinheiro para comprar casaco de pele da Casa Canadá. Então a gente estava com a roupa do corpo.

Aí nós saímos, a minha tia, irmã da minha mãe, e uma coisa que eu faço questão de contar, um dos problemas no DOI-CODI foi que eles souberam por alguém que existia um outro filho, além de eu, Iara e Ivan, que existia uma outra pessoa. E a minha mãe não queria, porque minha mãe tinha medo que fizessem alguma coisa, ele tinha só 10 anos, e aí minha mãe fez um acordo com ele, porque ela se sentiu tão pressionada, porque esse meu irmão ele estava na casa da minha tia Anita Axelrud Gouveia, que tinha estado presa, cumpriu dois anos durante o Estado Novo, era membro do Partido Comunista. Então ela dizia assim, se descobrirem quem é a Anita, o meu tio Gouveia já tinha morrido, que esse também ficou todo Estado Novo depois ele ficou preso em Fernando de Noronha, Ilha Grande, aquelas coisas. Então ela tinha, aí eles começaram a pressionar. E é muito difícil para você, porque a gente é criado, infelizmente, ou felizmente, sei lá, para dizer a verdade, não é assim? A mãe diz, não pode dizer mentira. E na hora que você tem que mentir a tua cabeça dá um nó. Então, como é que você vai mentir eu você não tem um irmão, que era uma criança? Foi muito difícil. Até que minha mãe fez um acordo, se vocês me prometerem, eu vou confiar, eu sei que vocês não são de confiança, mas eu vou ter que confiar em vocês. Porque a pressão era muita. E a minha mãe tinha um problema, que a pressão dela subia, ela teve um infarto na prisão. A minha mãe enfartou na prisão, que é um outro episódio. E aí eu sei que ela acabou dizendo onde estava o Irineu. E aí, quando eles voltaram disseram, a senhora fica tranquila porque ele está lá, eles sabiam os horários, ele foi vigiado o tempo que nós tivemos preso o meu irmãozinho de 10 anos foi vigiado. Porque quando nós saímos da prisão, naturalmente que nós fomos vigiados também diuturnamente, já nem ligávamos

mais de encontrar aqueles caras parados na porta do prédio ou quando minha mãe ia visitar o túmulo do meu pai em Perus, que é uma subida assim, não tinha ônibus na época, era minha mãe e minha irmã andando e os caras na C14. Um calor, minha mãe dizia, acho que vou pedir uma carona para esses caras, porque já que eles vão até lá em cima com a gente mesmo, porque aquilo a gente foi seguido o tempo todo. Eu tenho um problema, até hoje eu não sento de costas para a porta, porque a sensação de estar sendo vigiada ela permaneceu.

Depois que a gente saiu da prisão, a gente conseguiu, a minha tia e a minha prima, a gente conseguiu a pensão da minha mãe de viúva, porque meu pai trabalhava. Meu pai era operário e quando ele foi preso ele tinha parado de trabalhar fazia pouco tempo. Aí nós tivemos que reconstruir a vida. E eu costumo dizer o seguinte, eu não fiquei presa um ano e meio, eu fiquei cinco anos e meio, porque como eu fiquei lá dentro do Tiradentes, enfim, mas depois que eu saí eu permaneci presa porque o Ivan estava preso. E o Ivan, como era menor de idade, porque ninguém faz nada na minha família pela metade, faz tudo com muito apuro, esse cara foi levado para todos os lugares que vocês imagina, inclusive para o DEIC. A minha irmã foi visitá-lo na Casa de Custódia de Taubaté e ele tinha sido levado para o DEIC e aí minha irmã resolveu tentar visita-lo no DEIC. O que aconteceu que tentaram levar ela lá para cima em uma sala e interrogaram ela tudo de novo, e ela em um domingo a tarde ela só fez assim, eu não vou sair com vida dessa. Porque em um domingo à tarde em uma repartição pública você pode desaparecer mais fácil que qualquer outra coisa. A sorte é que ela conseguiu convencer os caras de que eles eram apenas policiais e que eles eram cães de guarda do dinheiro dos outros. Ela botou os caras em conflito. Ela não é uma pessoa destrambelhada como eu. Ela ficou calma, porque eu era calma e fiquei louca. Não, mas é uma verdade, eu era uma pessoa assim, muito pacifista, mas depois disso eu sei que eu sou uma pessoa destrambelhada e agressiva. Eu sei que sou e não tem problema nenhum. E o Ivan então era levado, nós estávamos em casa vendo televisão e daqui a pouco tinha a notícia, lista de desaparecidos, fulano, beltrano, Ivan Axelrud Seixas. E sem telefone, porque a desgraça nessa situação é não ter telefone nem dinheiro. É complicada a coisa. Aí íamos conseguir chegar até a casa do General Altino Rodrigues Dantas, que foi a única pessoa que nos deu guarida quando a gente saiu da prisão, era um general pai de um preso também, do Altino Rodrigues Dantas, sogro da Lenira na

época, Lenira Machado Dantas, aí íamos até lá para conseguir o telefone para ligar para Taubaté para perguntar, aí caras diziam, ele está aqui. Porque desapareciam com o Ivan toda hora, então nós ficamos presos cinco anos e meio também. Não foi só o Ivan não. Nós não fizemos mais nada da vida a não ser correr atrás do Ivan.

Bom, depois da saída da cadeia a gente conseguiu renascer das cinzas porque, primeiro lugar nós somos mulheres, não somos mulherzinhas, somos brasileiras e tem uma pitada da coisa estoica do judaísmo nessa história, do não se deixar abater. Judaísmo, não tem nada a ver com o Estado de Israel, eu faço questão de registrar, de dizer isso.

Enfim, a gente conseguiu sobreviver. Aquela moça me perguntou a respeito do luto. O luto permanece. O luto permanece. Mas uma coisa que tudo isso não conseguiu me tirar foi a alegria, embora eu esteja chorando, é uma contradição, a alegria, a minha dignidade jamais, e nunca me humilharam, porque aqueles caras não eram pessoas, eram seres, então, como é que, você pode me humilhar porque você é uma pessoa, agora, deles eu tenho ódio, não tenho mágoa porque mágoa eu tenho dos amigos que me sacanearam. Dos inimigos eu tenho só ódio. E não ocupa meu pensamento. Eu acho que foi o (ininteligível) que falou que todo revolucionário tem que ser um otimista. E quando nós estávamos no Instituto Médico Legal fazendo um trabalho, eu, Amelinha e Iara, aí chegou o ano novo nós resolvemos abrir um vinho, aí a Amelinha disse, não, mas todos esses que estão aqui dentro com nós, eles devem estar dando risada, e é verdade, porque eu nunca me senti vítima, não, porque para me sentir vítima eu tinha que levar em consideração que aqueles caras eram alguma coisa. Não era. Eu fui vítima, talvez eu tenha sido vítima, criaram uma ditadura só para mim, porque eu sou paranoica em relação a isso. Eu acho que o golpe de tudo foi isso. Mas, enfim, eu sobrevivi, não sou vítima, não me senti humilhada, nem quando o cara estava passando a mão dentro de mim eu não me senti, é claro que foi um horror, mas era coisa que a gente, como diz o outro, é coisa que a gente tem que passar na vida, não sei. Eu acho que é isso. Eu acho que não tem mais nada para dizer não. Não precisa bater palma, pelo amor de Deus.

A SRA. ELZA LOBO – Bom, gente, eu fui presa em 10 de novembro de 1969 pela equipe do capitão Maurício. Eu trabalhava na Secretaria do Estado na Fazenda, no setor de treinamento de pessoal. Meu pai estava internado na Beneficência Portuguesa, que tinha sofrido um derrame e minha mãe estava acompanhando-o no hospital. E eu, voltando do trabalho, tinha passado na casa de um amigo que a gente fazia algumas atividades profissionais também juntos, e quando cheguei à minha casa por volta de umas 10 horas da noite, quando fui abrir a porta a porta estava encostada e estava sentado na escada o capitão Maurício, da OBAN. E meus dois irmãos estavam já também sentados esperando que eu chegasse e eu, como estava cuidando da casa porque minha mãe estava no hospital com meu pai eu estava entrando com um litro de leite e de repente, quando vou abrir a porta a porta estava aberta e o capitão Maurício sentado na escada de casa. Foi aquele choque, imediatamente ele põe as algemas e põe dentro do carro para levar para a OBAN.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Ele não deu nem boa noite?

A SRA. ELZA LOBO – Não, não. Nem quem é. Ele estava lá já de plantão. Chegando lá na OBAN. Eles levaram para aquele quarto que ficava, não tinha nada, era vazio, ali puseram um capuz e o que eu me lembro, que outras pessoas não lembra, é que eles me levaram para o térreo, no térreo eu lembro de ter atravessado um espaço de ar, que você percebia que você estava em área externa, e entro dentro de um túnel que escorria água pela parede. Então, até hoje parece que a única pessoa que passou por esse local fui eu porque ninguém lembra de ter passado por esse local d água que corria pela parede, era escuro, me deixaram lá algum tempo e depois de um tempo começaram, não

vai falar? Tem que dizer onde é que estava, o que é que fazia, qual era a organização que participa, enfim, toda aquela pressão.

Saio desse local e vai para sala, direto, de tortura. Então teve tortura da cadeira do dragão, teve os choquinhos em todos os dedos na mão, teve na vagina, teve no seio, enfim, tudo o que vocês possam estar imaginando foi executado. E eu, depois de todas essas situações fica jogado, naquela época era um cômodo em que você ficava no chão porque não tinha nada, não tinha colchonete, não tinha nada. Era no chão, com a porta trancada e se você queria ou tinha necessidade de toailete você tinha que bater na porta e o que cuidava, se ele queria abria, se ele não queria não abria, você que se virasse. Era uma forma agressiva.

No dia seguinte eles prenderam, eles ficaram de campana na minha casa e prenderam o Diógenes de Arruda Câmara, que era um dirigente do PCdoB. Na medida que o Diógenes foi preso ele ficou associado a mi no processo como se eu fosse do PCdoB, coisa que não era.

A SRA. AMELINHA TELES – Você passou a ser muito quente.

A SRA. ELZA LOBO – É lógico. Eu passei a ser a figura perigosa que está junto com o dirigente de uma organização que eles estavam querendo detonar, querendo ter dados. Então foi uma situação bastante violenta. Eu não sei se, que como você foi depois, eu não sei se existia, tinha um tipo de interrogatório de um sujeito que tentava se passar como se fosse um religioso.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Sempre tem.

A SRA. ELZA LOBO – E ele vinha então tentar, como se ele fosse o bonzinho, tentar conversar com você que você tinha que dizer a verdade.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Conselheiro.

A SRA. ELZA LOBO – É. Como se fosse um conselheiro. E ele vinha, inclusive trazia livrinho religioso achando que você ia entrar na história dele.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Às vezes ele fazia papel de enfermeiro também.

A SRA. ELZA LOBO – É. Às vezes ele também fazia. E eu não lembro mais o nome dele, só lembro da figura. E você para poder fazer as suas necessidades você tinha que bater na porta, e se eles quisessem abrir e se não quisessem você que se virasse onde você estava, fizesse aí as suas necessidades.

Eu não tenho claro até onde eles tinham informações mais detalhadas de militância, mas como eu tinha sido ligada à ação popular Marxista-Leninista, eles trouxeram um sujeito que se apresentava como da Marinha, e tinha, naquele período tinha tido toda aquela história de cabo Anselmo junto com a AP do Rio, então tinha uma história que você deduzia que por essa razão eles tivessem trazendo alguém ligado à

essa área para saber se você estava vinculado, se não estava, para tentar tirar informações. Não conseguiram nada porque eu não tinha nada, eu não sabia nem quem era o cidadão que estava lá se apresentando. Agora, da saleta onde ficávamos, tinha jornais, você ficava em cima dos jornais e o que deu para ouvir é que dois dias depois eles prenderam a Terezinha Zerbini. E a Terezinha Zerbini eu conheci ela de imediato, porque tinha estado com ela várias vezes, a voz. Mas ela conseguiu naquele primeiro momento driblá-los, que era mulher do general, e ela conseguiu não ficar. Ela foi interrogada horas a fio, mas foi liberada. Meses depois é que ela voltou, mas aí já foi por causa de Ibiúna, lá vem ela de novo para... Então eu acho assim, como marcas daquela situação.

Agora, as torturas foram intermináveis, e toas, desde tortura na vagina, tortura nos dedos, botava o choque nos dedos da mão e punha a máquina para rodar, punha na orelha, punha todos para você falasse o que você não tinha para falar porque não tinha nenhuma contribuição do que eles estavam procurando, mas era aquela situação. E veio inclusive um cidadão que era da Marinha. Eu não consegui nunca entender por que é que aquele cidadão pareceu, o que é que tinha a ver a Marinha com a Ação Popular. A Marinha tentando trazer outro tipo de informação, mas aconteceu essa postura naquele momento. E tinha um cidadão, que era uma figura bem asquerosa, não sei se era o que ainda estava na época de vocês, que era esse que se passava por religioso.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Eu acho que ele fez o papel de enfermeiro.

A SRA. ELZA LOBO – É. Então ele trazia a bíblia, outra hora ele trazia um santinho, outra hora ele trazia alguma outra coisa para que você...

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Para consolar.

A SRA. ELZA LOBO – É. Ou consolava ou você achava que ele era um bom cidadão e você ia abrir sua alma para ele, alguma coisa assim. Então eu acho que assim, essa situação era uma situação conflitiva. Então, para você ir ao toalete você tinha que bater na porta para ele se quisesse vinha abrir ou não para você ir ao toalete. Para tomar banho você, tomou acho que duas vezes, mas eu fiquei lá 15 dias, então, imagina você ter tão pouco tempo. Agora, nesse caminhar você ouvia as vozes de quem estava sendo torturado em outras salas e você tinha também a forma de que, por exemplo, em um dos depoimentos lá, o que eu vi é que eu reconheci o nome de uma pessoa que tinha sido de época de militância de universidade e que trabalhava ligado também a um dos órgãos de repressão. Aí fiquei, já que ouvi o nome eu tratei de retornar a pessoa, lógico. Então falei, não, e eles não perceberam que o nome estava atrás porque ele estava com a fichinha e eu vi o nome. Tem o fulano, imagina, que ele trabalhou conosco no mutirão de alfabetização lá em Osasco, era uma pessoa que estava sempre ligado ao grupo, nós estávamos alfabetizando a população que não tinha conhecimento, então foi todo um lado de você estar trazendo essa figura.

Agora, as torturas eram constantes. Era a cadeira do dragão, era o choque nos dedos, no ovário, nas orelhas, enfim, e naquele momento também, além de eles terem prendido o Diógenes de Arruda Câmara, e queriam vincular como militância e não como alguém que também trabalhava na mesma área profissional que eu e que não estava militando no PCdoB, nada disso. Mas a forma era de te pressionar em relação a isso. E torturaram barbaramente o Diógenes.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Dito pelos próprios torturadores.

A SRA. ELZA LOBO – Dito pelos próprios torturadores, que nunca tinham atuado de uma maneira tão violenta contra alguém. E vinculou então a minha prisão ao Diógenes. E naquele momento eles prenderam também um dominicano da igreja dos dominicanos e esse dominicano também foi então tentavam jogar no mesmo processo. Eu só dizia assim, eu conheço os dominicanos porque, inclusive com Morte e Vida Severina, nós fizemos ensaios dentro do convento dos dominicanos, porque a PUC o teatro ainda não estava pronto. Então não tinha nada a ver uma coisa com a outra, mas assim, a forma de jogar era com tudo. Então, se está jogando em relação à militância, a vinculação dos religiosos para junto do mesmo processo, o militante que tinha uma atividade profissional, mas joga também no mesmo pacote. E foi essa postura o tempo todo.

Eu fiquei bem uns 15 dias na OBAN. Quando chegou a menina lá de Santa Catarina, a Derlei Catarina de Luca, que também tinha sido da mesma organização de Ação Popular, mas eu não conhecia a Derlei. Vim conhecer a Derlei dentro da cela. E ela também foi barbaramente torturada, a ponto de ficar gritando para que ela pudesse ter pelo menos o mínimo de socorro. Aí tinha um médico que estava também detido e ele pressionou de que ela precisava de tratamento, eles levaram então para o Hospital Militar e ela ficou lá vários dias. Como eles não conseguiam nesse contexto todo ter nada mais efetivo, mais claro, mais nada, depois dos, acho que foram oito ou 10 dias, então eles transferiram para o DOPS, e aí no DOPS não teve tortura, teve só interrogatório, mas eles sempre jogavam dentro da cela pessoas que você não sabia quem eram, que tipo de pressão eles estavam para ver se conversava, se não conversava. E foi o momento em que tinha inclusive muita gente ligada à imprensa. Estava a Rose Nogueira, estava a Edite Negrais, então você tinha uma outra possibilidade de tentar entender onde você estava, mas ao mesmo tempo sem nenhum outro tipo de contato maior e nem de, depoimento, nada. Depoimento começou muito tempo depois, e aí o depoimento foi todo em cima de duas pessoas que, segundo depois ficamos sabendo, eram especialistas em atividades partidárias, e que então essas pessoas vinham para tentar fazer um tipo de interrogatório para ver se você caía em contradição de que você era ou não ligada àquele grupo ou a outro. No fundo era toda uma forma muito pesada de você se comunicar. Por outro lado eles também tentavam, naquele fundão lá do

DOPS, de colocar pessoas que você sabia que não era de militância política, mas que não sabia por que é que tinham jogado ali, se era para a pessoa ouvir se você conversava com alguém das outras celas, se era para ver qual era o pensamento que estava circulando e era uma forma assim, você percebia, inclusive, uma das vezes, sem nenhum constrangimento de presença, nada, mas chegavam a pegar as prostitutas da rua e jogar dentro da cela com a gente. Eu acho que aconteceu isso também no seu período. Então você ficava em uma dúvida de quem são essas pessoas, o que é que elas estão fazendo aqui, o que é que elas estão ouvindo. Então você não falava com ninguém dos que estavam nas celas ao lado para não chamar a atenção para nada. Ficava só em uma escuta. A gente teve momentos também, aquele momento no DOPS estava lotado, então era a quantidade de gente que estava nas várias celas, e naquele momento também foi a forma assim, estava aquele deputado do Rio que tinha tido envolvimento com uma socialite, então era uma coisa de chamar a atenção, eles queriam, mas ele quando saiu ele saiu tão tocado que ele botou a boca no trombone, denunciou tudo o que ele tinha assistido dentro do DOPS. Eu estou tentando agora lembrar o nome dele e não estou conseguindo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Não era o Brandão Monteiro, era?

A SRA. ELZA LOBO – Não. É um do Rio de Janeiro. Mas depois eu lembro o nome, eu tenho anotado em casa, depois eu te passo. Mas o que eu acho é assim, foi esse período todo muito de você sentir que a todo o momento você tinha pressões. Ou era alguém que estava colocado ali para saber o que as pessoas estavam conversando, no outro momento era de ver o que é que eles poderiam jogar mais para cima das pessoas. Mas o que existiu desse período todo é que se conseguiu criar um clima de muita confiança entre os diferentes militantes que estavam dentro do DOPS. Então, mesmo com as celas ultra lotadas você conseguia ter uma forma de acompanhar mais de

perto, e eu consegui, junto com um outro militante também, de que a gente começasse a fazer os pratos para levar nas celas, que era uma forma também da gente ver o que é que estava acontecendo em cada lugar e, ao mesmo tempo poder ter uma forma mais, como é que eu podia dizer, mais digna, ao invés de passar aquele latão e fazer o prato, a gente preparar o prato e entregar para cada um dos companheiros, e isso o carcereiro da época conseguiu pelo menos entender e abriu espaço para que se fizesse isso. Acho que naquele momento também, uma outra coisa que foi muito forte, foi que já tinha o Padre Augusto que estava detido, mas, imediatamente chegaram vários dos dominicanos, o Frei Beto, o Frei Jorge, e a gente conseguiu fazer uma celebração de que se tivesse uma maneira de na hora da celebração a gente passar mensagens através dos religiosos que estavam fazendo a celebração. Então esse foi um caminho importante para que as pessoas ficassem mais a par do que estava acontecendo e houvesse uma grande solidariedade nesse relacionamento.

Terrível foi também o interrogatório, porque estava à frente do DOPS era o que morreu lá em Santos, o Fleury. Ele fazia sempre aquela apologia na hora dos interrogatórios, mas você não tinha uma coisa muito clara do que é que ele queria saber ou se era só para fazer teatro, o que acontecia. E teve uma pessoa que eles chamaram de fora, agora eu não lembro o nome, era um que era especialista em Partido Comunista, e ele veio fazer interrogatório comigo e fez o interrogatório também com o Diógenes de Arruda Câmara para recuperar a militância histórica de tudo. Então era uma loucura porque você passava horas lá com o cidadão falando da caminhada histórica do partido e você ficava na sua. Como naquele período também tinha dois dominicanos que também tinham estado presos, eles queriam saber se conhecia ou não conhecia os dominicanos. Como eu era da PUC, a PUC os ensaios do Morte e Vida Severina foram em um convento dos dominicanos, então tinha essas situações que você achava até ilógica. Quer dizer, você está dentro de um contexto, você está vendo o que está acontecendo com as pessoas, a forma como as pessoas voltavam da tortura arrebatadas e de repente você tem um outro quadro que parece que tudo...

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – (ininteligível) falar o que ela achava da situação do País.

A SRA. ELZA LOBO – É. Que era uma coisa descolada do momento onde você estava. Então o que se conseguiu foi criar naquele contexto todo um relacionamento com as pessoas muito bom, muito próximo e que as pessoas de solidarizavam muito de um ajudar o outro na medida do contexto todo.

Agora, por outro lado você não tinha um quadro completo de tudo o que estava acontecendo e você ficava com, por exemplo, quando vinham pessoas que também estavam ligadas à prostituição e que eles jogavam no mesmo lugar...

A SRA. – Teve um tempo que não tinha mais lugar na cela, eram 30 mulheres ali...

A SRA. ELZA LOBO – É. Não cabia ali, mas eles colocavam e você ficava em uma situação de não saber se você conversava ou se não conversava. Aí teve também Mae que venho com recém-nascido. E aí, o que é que você fazia com o recém-nascido que estava ali com a mãe? A mãe com o peito duro porque não tinha conseguido tirar o leite. Ali já vai a Dona Elza a ajudar, a fazer massagem, a botar água quente, mas era uma forma de você ser solidário com que estava nessa circunstância.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Elza, deixa eu perguntar uma coisa, para montar essa cronologia, que é tanta coisa que eu fico até passado, você

foi muito para Cuba montar grupos de solidariedade, saúde. Isso é tudo depois da sua prisão?

A SRA. ELZA LOBO – É depois. Nada disso foi antes. Tinha antes só a amizade, mas o relacionamento todo esse foi depois da prisão.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Você já tinha cumprido toda pena mesmo, o que é que você ia fazer.

A SRA. ELZA LOBO – Já. Não, e foi interessante porque a gente fez muitos, a gente teve também muito esse outro lado de tentar dentro do próprio espaço do DOPS, da gente tentar trocar ideias sobre alguns temas, aprofundar mais.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Isso é 69 não é?

A SRA. ELZA LOBO – É 69.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Deixa eu só perguntar uma coisa, que a Amelinha já vai começar a fazer perguntas, Amelinha, os relatórios do Araguaia que vocês leram aqui era tudo do Arruda também?

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Não, não. Quem fez relatório do Araguaia é Ângelo Arroyo, que foi assassinado na chacina da Lapa em 1976. Foi ele que fez o relatório.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Foi o Ângelo Arroyo. Então, aproveita que você já está com a palavra.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Eu queria fazer uma pergunta para Ieda... Eu cortei sua palavra? É que ele passou para mim...

A SRA. ELZA LOBO – Não, não. Pode...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Amélia Teles com a palavra.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Eu queria fazer uma pergunta para a Ieda que é o seguinte, ela fala de um adolescente que é torturado até a morte dentro da Operação Bandeirante, que era um adolescente loiro...

A SRA. IEDA SEIXAS – É. Ele não era adolescente, ele era um menino muito franzino, parecia ser adolescente, mas ele provavelmente não era um adolescente.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Mas ele não poderia ter 15 anos de idade?

A SRA. IEDA SEIXAS – Poderia ter 15, 16, 13.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Mas 15 anos de idade hoje é adolescente. Pode ser que naquele tempo não, mas agora. Naquele tempo não, mas hoje é adolescente. É o seguinte, pela data, você é presa no dia 16 de abril de 1971.

A SRA. IEDA SEIXAS – Isso.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Em São Paulo, Operação Bandeirante. E quem desaparece nesse período, nós temos dois desaparecidos desse período. Um é Abílio Clemente Filho...

A SRA. IEDA SEIXAS – Mas esse menino é mestiço.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Que é negro. Que é um negro e já teve Audiência aqui sobre o caso dele. Não temos informações, mas tem muita informação da militância dele, do desaparecimento dele pelo Deputado Antonio Mentor, que é daqui da casa. Agora, eu estou pensando assim em levantar por hipótese, não seria o Marco Antonio Batista Dias?

A SRA. IEDA SEIXAS – Não tenho a menor ideia, não conheço.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Porque o Marco Antonio Batista Dias ele tem 15 anos quando ele desaparece.

A SRA. IEDA SEIXAS – Mas alguém tem fotografia desse rapaz?

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Tem. Tem no livro, no dossiê. Eu vou buscar o dossiê lá para você. Você busca, Renan? Vamos buscar o dossiê porque você vai ver, tem a foto dele.

A SRA. IEDA SEIXAS – Esse menino eu procurei depois no cemitério e não achei o enterro dele.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Não. Ele é desaparecido. A família procura ele desde 1971, justamente essa época que você está levantando, até hoje. E os irmãos, hoje, a família vai diminuindo, a mãe morreu em um acidente de carro lá em de Brasília para Goiânia em uma atividade de busca, foi em uma atividade de busca de informação sobre o filho, ela volta para casa, que ela morava em Goiânia, e morreu. Mas tem dois irmãos, o Vladimir e o Renato Dias, um até escreveu um livro sobre a Maria Augusta Thomaz e o Márcio Beck, sobre a morte deles, o desaparecimento deles, foi até mencionado esse livro aqui outro dia, em uma Audiência, da Maria Augusta Thomaz. Ele era loiro, a família é loira, a família é branca de olho azul, então, quando você falou desse caso eu fiquei pensando se não seria esse caso. O Renan foi buscar o livro, vamos mostrar a foto dele, vamos ver se você...

A SRA. IEDA SEIXAS – Ele era uma pessoa muito franzina.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Ele tinha 15 anos. Pela história dele, tinha 15 anos. E ele era um militante do Movimento Secundarista em

plena repressão, o que pode ter caído nas garras da repressão porque era um momento de ditadura, esse Secundarista, do Movimento Estudantil, é complicado mesmo. Isso que eu queria te perguntar, então nós vamos esperar a fot.

Queria lembrar o seguinte, que eu acho, tem estudos na Argentina, eu não cheguei a ver aqui no Brasil estudos mais detalhados sobre esse assunto, se os sítios clandestinos de tortura aqui no Brasil são considerados campos de concentração ou não. Isso é uma discussão muito teórica, mas nos interessa de uma certa forma porque o campo de concentração ele é clandestino, ele em certas características, que os nazistas montaram campo de concentração, evidentemente que os nosso não vão ser iguais, mas...

A SRA. IEDA SEIXAS – Guardadas as devidas proporções...

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – As proporções e as distâncias e os aspectos culturais, mas seria, isso para tese, mas é uma discussão que a gente faz e que a gente deve prestar atenção aqui nas Audiências porque seria, a Operação Bandeirante ou DOI-CODI, ele é um centro clandestino de tortura, nós nem chamamos de centro clandestino de tortura porque...

A SRA. IEDA SEIXAS – Centro legal de tortura não existe.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – É, um centro legal de tortura nós não vamos ver. Então, é que quando a gente fala os centros clandestinos de

tortura nós estamos pensando nos sítios, naquelas casas da morte, que fora das instituições. A OBAN ela é um híbrido, porque ele tem uma parte que é a delegacia, o 36ª, e outra parte que ninguém nunca esclareceu, que é aquela outra parte. Ela funciona nos dois prédios como centro de tortura, de assassinado, de desaparecimento. Funciona nos dois prédios, mas isso é bastante, eu acho que tem que ser bem esclarecido aqui durante as Audiências, porque nós estamos pleiteando recuperar, ali ter um centro de memória, fazer um centro de memória na Operação Bandeirante, onde foi a Operação Bandeirante, que é a 36ª. Porque não é só lá atrás, você acho que ficou lá atrás, naquela parte, você ficou na frente. Mas, por exemplo, na minha época muitas pessoas foram torturadas, eu mesma fui torturada e vi um assassinado, sou testemunha ocular de um assassinato dentro da 36ª Delegacia, do Carlos Nicolau Danielli, ele era um dirigente comunista, ele é assassinado dentro da 36ª Delegacia, não é lá atrás.

A SRA. IEDA SEIXAS – Não, mas eu não...

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Estou só esclarecendo. Não, não estou esclarecendo para você, Ieda, que você é da minha luta, você já sabe, mas eu estou colocando aqui porque isso, às vezes vai pleitear, hoje outras pessoas entram nessa luta e não conhece essa história, então é bem a gente reforçar isso.

Agora, o campo de concentração, uma característica dele que nós sempre ficamos na dúvida se a gente chamaria os nossos de campo de concentração, é o trabalho. E quando você fala eu você está trabalhando na cozinha é campo de concentração.

A SRA. IEDA SEIXAS – Não fosse eu judia, não é?

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Sim, ainda pega a judia e põe, as características, isso fica muito acentuado, para mim, porque é uma preocupação que eu tenho em definir o campo de contração, isso é uma questão conceitual, mas que eu acho importante.

A SRA. IEDA SEIXAS – Mas, se você pensar, chega determinada altura que você está ali, eu estava me sentindo personagem de filme, você fica...

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Eu entendi. Mas eu acho que essa questão do campo de concentração fica uma característica forte essa questão do trabalho, porque se a gente for pegar lá a ESMA, que é a Escola Mecânica Armada, lá em Buenos Aires, lá hoje é um centro de memória, de direitos humanos, mas é um local onde nós vamos ter o trabalho como uma atividade...

A SRA. IEDA SEIXAS – Como forma de dominação.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Como uma atividade permanente dos presos que ali se encontram. Trabalho assim, eles eram obrigados a fazer passaporte falso para os próprios policiais que atuavam ali e outras coisas mais.

Então, quando você falou do trabalho o que me impressionou foi isso, se poderíamos caracterizar a Operação Bandeirante como um campo de concentração?

A SRA. IEDA SEIXAS – Guardadas as devidas proporções, com certeza.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Poderíamos? Pois é. Fica essa questão. Agora o livro chegou. Você marcou aqui ou não? Não. Então eu vou procurar. Você vai falar, que eu vou procurar aqui no livro aí você fala. É o seguinte, Elza, eu queria saber se o Diógenes Arruda, porque o Diógenes Arruda foi companheiro do meu partido, ele era do meu partido quando eu era daquele partido, que era o Partido Comunista do Brasil, e ele foi torturado e denunciou essa tortura e ele era uma pessoa que, ele foi torturado mas ele também denunciou bastante a tortura, e eu tinha a impressão, e eu vivia clandestina quando ele foi preso, então eu não podia visitá-lo. Eu tinha informações que eram, chegavam até a mim vindas de vários lugares até, então você perde muitos elementos dessa informação. Mas eu tinha a impressão que ele foi torturado também dentro do quartel, porque sempre isso era muito comentado no partido, que ele tinha sido preso, que ele foi torturado na OBAN, mas que ele foi torturado no quartel.

A SRA. ELZA LOBO – Ele foi no DOPS...

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Sim, no DOPS, claro, porque o Fleury não suportava o Diógenes Arruda, imagina. Isso quem conheceu o

Diógenes Arruda sabia. Ele era uma pessoa que ele não fazia concessão de jeito nenhum, ele foi muito digno, ele era um comunista e ele falava, eu sou comunista...

A SRA. ELZA LOBO – Da esquerda para a direita, da direita para esquerda, de cima para baixo...

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Isso. E não vou falar. E não vai falar. E ele falava para os caras mesmo, eu não vou falar. Comunista não fala. E ele se manteve.

A SRA. ELZA LOBO – O Gaeta, na OBAN, quando o torturado falando do Luiz Eduardo Merlin falou, esse cara parece o Arrudão.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Está parecendo o Arrudão.

A SRA. ELZA LOBO – (ininteligível) torturando ele e o desgraçado não falou. Esse aqui também não quer falar.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Pois é. E o Arrudão ele foi, comportamento dele foi o tempo todo assim. Felizmente, isso eu vi, porque o Arrudão tinha várias características, mas essa da firmeza, da dignidade, essa ninguém, da dignidade na prisão ninguém critica. Porque às vezes a gente, e aí eu queria saber se ele passou pelo quartel, porque para nós é importante a gente saber porque nós estamos procurando como é que foram mortos, como é que foram desaparecidos, aonde é que eles passaram, e ainda nós temos poucos elementos para esclarecer isso, mas...

A SRA. ELZA LOBO – O que eu me lembro é que ele também foi levado para o Rio, não ficou só em São Paulo, então, quando a gente estava em São Paulo e ele foi levado para depoimento no Rio. E foi realmente uma pessoa assim muito correta, muito digna de estar sempre à defesa dos princípios que ele acreditava. Então eu acho que pode ter diferenças de outra natureza, mas em relação a postura dele não. Quer dizer, é uma pessoa muito correta, muito digna em relação ao que ele acreditava. Agora, o que eu estava lembrando também é assim, até algum tempo atrás, aquele pessoal ligado à Record, que estava fazendo também um levantamento dos locais de sítios de tortura, um dos locais é ali perto de Carapicuíba. E eu me lembro de, na minha época acadêmica, de estar mais em contato com essas festas populares e tudo e a gente fazia a festa de santa cruzinha perto de Carapicuíba, e quando, passado prisão, passado o exílio, quando voltei que voltei lá no local fiquei sabendo que lá tinha um local de tortura onde várias pessoas foram para lá. E aí, como a pessoa que comentou era morador, então devia saber o que estava acontecendo, com aquele pessoal da Record que estava fazendo também aquele levantamento, eu passei para eles a informação. Agora, nunca soube realmente depois se chegou, se confirmaram ou não.

Mas, eu acho que assim, em um momento você tem esses locais como locais de festa, de tudo, e em um outro momento aquele local se transforma em um local de tortura.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Não. Não pode ser. Esse levantamento que o, essa pergunta que eu fiz aqui para ela sobre o Marco Antonio Batista Dias, se ele é a mesma pessoa que ela viu sendo morta na Operação Bandeirante, não pode ser a mesma pessoa por causa do ano. Eu me confundi. Eu achei que era 1971, mas é 1970. Ele é 1970. Então é um ano de diferença. Não é.

A SRA. ELZA LOBO – Ele é biótipo desse moço que está do lado do Adriano.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Não é. Por causa do ano, não é possível. Em 1971 ele já tinha desaparecido. Ele não ia ficar um ano lá...

A SRA. ELZA LOBO – Não. Só o Edgar...

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Só o Edgar Aquino Duarte que ficou dois anos. Mas a gente não sabe de outro caso que tenha ficado ali na Operação Bandeirante. E eu acho que fica descartada essa hipótese. Nesse momento fica descartada essa hipótese. Eu estava tentando lembrar...

A SRA. IEDA DE SEIXAS – A sensação que eu tenho, Amelinha, é que esse menino ele não tinha...

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Quem vai falar agora é a Ieda de Seixas.

A SRA. IEDA SEIXAS – De novo?

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Você não está falando?

A SRA. IEDA SEIXAS – É o seguinte, esse menino, a sensação que eu tenho é que pelo comportamento dele durante a tortura é que eles queriam saber de alguém e esse menino não tinha a menor ideia. Tanto que surge a palavra Santos, eu não sei se era José Santos, cidade de Santos, e era um menino que ele não, tudo, tudo, não é a questão de ele responder simplesmente não sei para se livrar da tortura ou porque era um cara muito firme. Efetivamente ninguém, acho meio difícil alguém usar uma expressão, pelo amor de Deus, eu não sei do que vocês estão falando. Isso não me parece, eu posso estar enganada, de um militante na tortura pode dizer não sei, não sei, não sei. Mas esse pelo amor de Deus me parecia uma pessoa que não pertencia aquele mundo, entendeu. É isso. Tanto que ele estava meio assustado na hora que chegou, porque sentaram ele, eu lembro da camisa do garoto, era uma camisa clara com risquinho azul e a manga da camisa, que ela era curta aqui, e estava frio, gozado. Isso foi em abril, estava, mas ele estava de manga de camisa. Que estranho. Aquele garoto deve ter vindo de algum lugar que era quente, provavelmente. Ele estava com o cabelo parecia que molhado, sei lá se era gel, gomex, provavelmente, porque o cabelo dele era liso, e ele estava com um calça social meio bege e eu lembro que a camisa era branca com uns risquinhos azuis ou

cinza, sei lá, uma coisa assim, e o comportamento dele era uma coisa do tipo, pelo amor de Deus, mas eu não sei o que é que vocês estão dizendo. Era a única coisa que a gente ouvia. E foi até o fim. E esse menino efetivamente desapareceu porque ele não foi levado junto, para baixo, junto com os meninos. O corpo dele, eles apagaram as luzes e a gente ouvia aquela movimentação, os caras correndo pela escada, descendo, o barulho, e nunca mais, e depois a reação daquele demônio lá, do tal do Major Edgar entrar e dizer assim, não, não aconteceu isso, vocês estão loucas. Como não aconteceu se nós... Não, não, não. Vocês estão loucas. Isso não aconteceu. Nem apagou a luz. Então uma coisa muito estranha. A sensação que eu tenho é que esse menino ele foi preso porque queriam, assim, aquelas coisas de querer saber quem é, e eles exageraram na mão e o rapaz morreu.

A SRA. ELZA LOBO – Então, nesse exagero de mão eu acho que assim, era uma das posturas que eles faziam questão de colocar. Por exemplo, quando eu fui levada junto com a Cidinha Santos, de Ribeirão, do DOPS para o Presídio Tiradentes, eles nos colocaram, primeiro a saída dali onde hoje é o Memorial da Resistência, que ali era o presídio, o presídio maior do outro lado, mas ali você tinha as celas, tinha tudo. Quando a gente saiu dali eles tinham a população do lado de fora ficava esperando quem ia sair, e eles faziam questão de deixar juntar público para ver os terroristas que estavam saindo. Então o que é que eles faziam? Eles punham o pessoal todo com metralhadora, você entrava dentro da caminhonete, do carro, e aí vinha um policial atrás com a arma na tua cabeça, estava eu e a Cidinha no banco de trás, e o Paulo de Tarso Venceslau na frente. Então, no Paulo de Tarso eles punham a arma na testa e na Cidinha e em mim nas costas, porque eles estavam atrás de nós. E iam ali do presídio, para o Presídio Tiradentes dali do DOPS até lá com a maior velocidade que era para você levar susto, para você achar que ia desequilibrar, que você podia estar sendo, enfim, era realmente psicológico. E quando você chegava no presídio eles faziam você ficar nu e ficar fazendo movimento para ver se não tinha nada na vagina, para ver se não tinha escondido nada, aquele agachamento para poder estar... Então, era uma forma de desestruturar a pessoa na sua intimidade, na sua forma e ser. Então, essas nuances todas

elas acabam não sendo muito difundidas porque as pessoas recatam a sua dignidade, não querem que a família fique sabendo que aconteceu isso e tudo, mas foram situações que eram comuns no dia a dia.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – No dia a dia. Mas, eu posso fazer uma outra pergunta para a Ieda? Porque a Ieda, ontem nós ouvimos um agente, um Ex-Sargento do Exército que trabalhou na Operação Bandeirante, que trabalhou no DOI-CODI, e ele falou que tinha quatro mulheres que atuavam junto com os torturadores e com os demais funcionários ali da Operação Bandeirante. E uma delas era Beatriz ou Bia e era loira. Por isso que quando você...

A SRA. IEDA SEIXAS – Essa era Beatrice. A história dela...

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – E não era loira?

A SRA. IEDA SEIXAS – Não. A história dessa moça é uma história muito louca porque ela apareceu na Operação Bandeirante. Ela apareceu e eu vou dizer o que. A gente estava no banheiro e a Iara já viu ela sendo interrogada. Os caras não sabiam que a Iara estava vendo. Os próprios caras da OBAN não sabiam quem era a moça, porque ela apareceu assim da madrugada para manhã com fita nos olhos e na boca e nos braços. Alguém colocou ela ali. Quer dizer, existem várias teorias. Algum daqueles diabos ali veio de noite, o cara tinha livre acesso, largou a mulher e foi embora. Ela estava, como é que se diz?

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Amordaçada.

A SRA. IEDA SEIXAS – Amordaçada. Porque ela tinha uma fita na boca. E essa moça ela era estudante de arquitetura, tinha um comportamento estranho e ela permaneceu muito tempo no DOI-CODI, porque ela não perguntava, não queria saber nada, mas ela tinha umas coisas assim, ai, meus dedos estão enferrujando porque eu não posso tocar piano. E uma pessoa sendo torturada. O que é que você faz com uma pessoa dessa? Você quer bater, não é? Mais uma vez. Ela tinha um comportamento, tanto que a gente alijou ela. A gente não deixava ela participar de nada porque ela era estranha. E ela permaneceu muito tempo. Depois que a gente saiu do DOPS, nós fomos para o DOPS, elas voltaram, ela com a minha mãe e o Tibiriçá, o Brilhante Ustra, bota junto para ver se ela enlouquece a velha. Só que minha mãe enlouqueceu a moça porque minha mãe começou a contar umas histórias de círculo do fogo, enfim, umas histórias lá e a moça teve que entrar na da minha mãe. Mas o nome dela era Beatrice, ela era belga, tinha sotaque, tinha umas históricas malucas de que ela era sobrinha do Rei Carol e que ela fugiu da Romênia, mas ao mesmo tempo era Belga, e que chegou em um Porto e não tinha luz incendiaram o irmão dela de nove anos para poder iluminar o Porto, os comunistas fizeram isso. Quer dizer, aí eu disse, teu irmão devia ser muito grande, não é? Porque como é que você vai incendiar uma pessoa para iluminar um Porto, o gurizinho tinha só nove anos. A mulher eu não sei até hoje qual é a dela, porque se você perguntar para a Lenira, para qualquer uma que foi, mas é verdade. Eu acho que ela foi colocada ali para enlouquecer a gente, só que a gente deu um nó nela, porque nós, eu e a minha irmã e aí aparece a Tânia Mendes e a gente diz, olha, não fala com ela. Mas era Beatrice e ela permaneceu presa, eu não sei o sobrenome dela, ela tinha um sobrenome e falava francês, ela era belga porque ela tinha sotaque inclusive. Ela tinha ligação com o pessoal da AP porque foi presa uma moça da AP, na hora que a moça chegou na cela do lado essa mulher ficou tão nervosa que ela quase que arrombou a parede para poder

falar com essa pessoa, que eu não lembro quem era a moça. Mas era Beatrice, não era Beatriz, e era loira não era morena.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Eu acho que, eu queria fazer uma proposta de resolução, encaminhamento da Comissão da Verdade. Tem que ser convocado aqui o Delegado de Polícia Davi Araújo dos Santos pela denúncia, outras denúncias que foram feitas aqui a respeito da atuação dele, aquele que diz que não tortura mulher feia.

A SRA. IEDA SEIXAS – O pior é ser abusada por um ogro daqueles. Se fosse um cara bonito ainda vá lá, mas pelo amor de Deus.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Então é necessário que ele preste depoimento, que ele preste esclarecimentos sobre os crimes que ele cometeu, porque aqui ele já apareceu no caso do Aylton Mortati, tem um exame, um pedido de exame, uma requisição de exame de laudo necroscópico assinado por ele dizendo que encontrou um cadáver bem no dia, nos dias que o Aylton Mortati teria sido preso, porque o Aylton Mortati deveria ter sido preso no dia quatro de novembro de 1971 e morre, quer dizer, a gente nunca sabe o final, que ele é um desaparecido, mas lá nesse documento do Davi dos Santos, assinado pelo Davi dos Santos Araújo, ele teria, ele, Davi, encontrou um cadáver debaixo do Viaduto Bresser. Quer dizer, é estranho um Delegado de polícia estar andando na rua e encontra um cadáver debaixo do Viaduto Bresser no dia 14 de novembro de 1971 e está escrito 36ª Delegacia, que a 36ª é aqui no Paraíso e ele acha lá na Bresser, que não é nem função dele estar ali vasculhando o Bresser. E ele risca, não é risca, bate, naquele tempo que tinha máquina de datilografia tinha o x, quando você errava você não punha x? Então ele põe x em cima do 36ª e põe

em cima 25, 25ª. Mas ele esqueceu que ele assinou, está assinado Davi dos Santos Araújo, então eu acho que ele tem que ser ouvido aqui por essa Comissão, esse é um dos assassinos do seu pai, que é o Joaquim Alencar de Seixas, que foi assassinado no dia 17 de abril de 1971 aqui em São Paulo, na Operação Bandeirante, e ele foi o cara que te estuprou, não é, Ieda?

A SRA. IEDA SEIXAS – É. É considerado estupro. Fundo de garrafa. A minha violação foi manual.

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – É. Mas é estupro. É estupro. Então isso aqui tem que ser registrada essa denúncia e ele tem que esclarecer para a Comissão da Verdade, tanto a Comissão Estadual como a Comissão Nacional da Verdade.

A SRA. IEDA SEIXAS – O duro é ser abusada sexualmente por um ogro.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Bom, Elza, quer falar mais alguma coisa para concluir? Chega de sofrimento não é? Bom, eu queria agradecer a presença de todos e todas, e até fazer esse encaminhamento que você falou, Amelinha, tem que aprovar, esse encaminhamento tem que aprovar. O pessoal da Agência Brasil está aqui hoje não é? Eu vou fazer uma solicitação no ar, como a TV Assembleia tem as imagens via internet, a gente gostaria de saber se a TV Brasil não poderia retransmitir ou pelo menos aproveitar, pedir as imagens. Isso é importante para a gente. Então hoje

nós estamos encerrando nossos depoimentos. Amanhã não vai haver sessão, não é Amélia?

A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES – Não.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Certo. Então amanhã ao meio dia lá na Geologia na ESP vai ter a Caravana da Anistia, com reconhecimento da morte do Alexandre, o Queiroz ainda vai ficar para uma outra oportunidade, as seis horas da tarde, na Catedral, tem a missa do Vannucchi, na Catedral, hoje a noite tem o show, as 19 horas, no Centro Cultural Vergueiro, do Sérgio Ricardo, que ele vai falar do calabouço, amanhã, sábado as 15 horas terceira edição do Projeto Cine Biju, Cine Memória, com o Núcleo da Memória, exibição do documentário, 1964, Um Golpe Contra o Brasil, de Alípio Freire, na Praça Roosevelt, 184. Quem quiser confirmar são dois e-mails, andresa@pjsp.org.br ou contato@nucleomemoria.org.br. E, finalmente, domingo as 19 horas mudança do nome do Studio 184 para Teatro Studio Heleny Guariba, Praça Roosevelt, 184.

Agradecer as companheiras Elza Lobo e Ieda de Seixas pela coragem, pela força do depoimento. Queria fazer um requerimento, que a TV Assembleia editasse a gravação do Merlino para a gente poder, para a gente entregar para a família, em primeiro lugar, a gravação do Merlino para a gente começar a utilizar, talvez a gente possa até usar lá no Biju, porque a Dulce vai anunciar lá o Projeto. Ninguém quer falar nada mais não?

Bom, não havendo mais nada declarar, nada a ser dito, damos por encerrada a presente Sessão. Obrigada.

* * *

